

LETÍSSIA CRESTANI

**ABRINDO O BAÚ:  
Museus familiares e a guarda de reminiscências**

Porto Alegre  
2011

LETÍSSIA CRESTANI

**ABRINDO O BAÚ:  
Museus familiares e a guarda de reminiscências**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do Curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Dalla Zen.

Porto Alegre  
2011

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**  
**BIBLIOTECA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE**  
**FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

---

C922a Crestani, Letícia

Abrindo o baú : museus familiares e a guarda de reminiscências / Letícia Crestani.  
2011.

f. : il.

Orientadora: Ana Maria Dalla Zen.

Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre, 2011.

1. Museu familiar. 2. Memórias de família. I. Dalla Zen, Ana Maria. II. Título.

CDU: 069

---

LETÍSSIA CRESTANI

**ABRINDO O BAÚ:  
Museus familiares e a guarda de reminiscências**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do Curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Examinada em 09 de dezembro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Drª. Ana Maria Dalla Zen

---

Profª. Me. Marlise Maria Giovanaz

---

Profª. Drª. Zita Rosane Possamai

*Aos que buscam  
as peças que faltam do quebra-cabeças de suas vidas.*

*Agradeço imensamente, e eternamente, à minha família, pelo sustento, suporte e pelo carinho durante toda essa vida.*

*À Luciana, Jeanice, Valesca, Ana Celina, Eliane, Cidara, ao David e ao Manolo. Meus queridos! Sem vocês esse caminho museológico teria sido muito mais difícil.*

*Obrigada, galera!*

*Um agradecimento especial para as GAs e para as Ubers, pela compreensão dos meus silêncios e das minhas ausências e pelo apoio constante.*

*Ao curso de Museologia da UFRGS, espaço privilegiado de conquistas e conflitos.*

*Aos demais colegas e professores da Museologia da UFRGS.*

*Aos lugares onde estagiei. Lugares de memória, de muito trabalho e de aprendizado.*

*A paciência da minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Ana Maria Dalla Zen. Também pelo seu amor e pela dedicação ao ensino e aos pupilos. E, claro, aos elogios e puxões de orelha.*

*À Srta. Alice.*

*Gratidão mais do que especial para Cândida Martins Pinto. Sem ela, a logística não teria funcionado. Valeu guria!*

*A disponibilidade, o carinho e a dedicação do Sr. Eron Haesbaert, da Sr<sup>a</sup>. Anadete Buriol e da Sr<sup>a</sup>. Ivete Zinani como guardiões das memórias de suas famílias e pelo belo*

*trabalho que fazem.*

*Muito, muito obrigada.*

*As coisas*

*A bengala, as moedas, o chaveiro,  
A dócil fechadura, as tardias  
Notas que não lerão os poucos dias  
Que me restam, os naipes e o tabuleiro,  
Um livro e em suas páginas a desvanecida  
Violeta, monumento de uma tarde  
Sem dúvida inesquecível e já esquecida,  
O rublo espelho ocidental em que arde  
Uma ilusória aurora. Quantas coisas,  
Limas, umbrais, atlas, taças, cravos,  
Servem-nos, como tácitos escravos,  
Cegas e estranhamente sigilosas!  
Durarão para além de nosso esquecimento;  
Nunca saberão que partimos em um momento.*

*Jorge Luis Borges, Elogio da Sombra, 1969.*

## **RESUMO**

Este trabalho focaliza as práticas de guarda de memórias em museus familiares, com o objetivo de verificar como os universos familiares lidam com a fluidez dos tempos. A investigação, realizada sob abordagem qualitativa, e focaliza três casos para análise: a Casa João Luiz Pozzobon, da cidade de São João do Polesinê, o Museu Fragmentos do Tempo, da cidade de Mata e o Museu Casa Zinani, da cidade de Caxias do Sul. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica e a recuperação das memórias individuais através da história oral, a partir da coleta de depoimentos das pessoas relacionadas aos três museus, num total de três sujeitos. Inclui discussão sobre a tipologia e a formação desses três memoriais de família no interior do Rio Grande do Sul. Levanta questões sobre a importância da constituição e da manutenção de instituições museológicas de cunho familiar para o funcionamento das estruturas sociais. Analisa teoricamente a questão da transmissão das tradições e sobre as ideias e conceitos de pertencimento, bem como os conceitos e operacionalização relativos à memória. Focaliza-se nos motivos da criação de memoriais físicos para guarda das reminiscências familiares. Investiga e caracteriza a presença de agentes de guarda de memórias em famílias. Entre os resultados, constata a presença de tensões e/ou problemas com os personagens que guardam as memórias das famílias. Conclui ao questionar a falta de atendimento a esses museus familiares pelos órgãos responsáveis pela operacionalização das políticas nacionais de cultura do País ligados à Museologia.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia. Memórias de família. Patrimônio. Museus familiares.

## **ABSTRACT**

This work focuses on guard practices of memories in family museums, with the goal of verifying how family universes deal with the fluidity of the times. The research, carried out under qualitative approach, and focuses three cases for analysis: Casa João Luiz Pozzobon, at the city of São João do Polesinê, the Museum Fragments of Time, at the city of Mata and the Museum House Zinani, at the city of Caxias do Sul, Brazil. The methodology included bibliographic search and retrieval of individual memories through oral history, from the collection of testimonies of people related to three museums and a total of three subjects. Includes discussion of the typology and the formation of these three family memorials in the interior of Rio Grande do Sul, Brazil. Raises questions about the importance of the establishment and maintenance of museological institutions familiar with the functioning of social structures. Examines theoretically the issue of transmission of the traditions and about the ideas and concepts of belonging, as well as the concepts and operation relating to memory. Focuses on the reasons for the creation of physical memorials to guard of family reminiscences. Investigates and characterizes the presence of guard agents of memories in families. Among the results, notes the presence of tensions and/or problems with the characters that keep the memories of families. Concludes questioning the lack of attendance to these family museums from the agencies responsible for the implementation of national political culture of the country linked to Museology.

## **KEYWORDS**

Museology. Family memories. Heritage. Family museums.

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A- Modelo de entrevista .....	49
APÊNDICE B- Termo de autorização do uso de imagem, voz, nome e demais características físicas .....	50
APÊNDICE C- Casa João Luiz Pozzobon .....	51
APÊNDICE D- Hall de entrada da Casa João Luiz Pozzobon.....	52
APÊNDICE E-Foto do Diácono João Luiz Pozzobon .....	53
APÊNDICE F- Quarto de João Luiz Pozzobon .....	54
APÊNDICE G- Museu Fragmentos do Tempo .....	55
APÊNDICE H- Eron Haesbaert e o vaso Mary Alice Gregory.....	56
APÊNDICE I- Uma das salas do Museu Fragmentos do Tempo .....	57
APÊNDICE J- Interior da atafona do Museu Fragmentos do Tempo .....	58
APÊNDICE K- Museu Casa Zinani .....	59
APÊNDICE L- Ivete Zinani e a máquina de costura .....	60
APÊNDICE M- Acervo exposto no segundo andar do Museu Casa Zinani .....	61
APÊNDICE N- Acervo exposto no sótão do Museu Casa Zinani .....	62

## SUMÁRIO

<b>1 EM BUSCA DAS REMINISCÊNCIAS</b> .....	11
<b>2 UNIVERSOS FAMILIARES: TRANSMISSÃO &amp; PERTENCIMENTO</b> .....	17
<b>3 MEMÓRIAS: GUARDIÕES &amp; TENSÕES</b> .....	24
3.1 Casa João Luiz Pozzobon.....	32
3.2 Museu Fragmentos do Tempo.....	37
3.3 Museu Casa Zinani.....	42
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47
<b>APÊNDICES</b> .....	49

## 1 EM BUSCA DAS REMINISCÊNCIAS

Memória. História. Identidade (s). Pertencimento. Lembranças. Narrativas. Fatos. Flashes. Lugares. Pessoas. Tais substantivos, sozinhos, não fazem sentido. Somente quando são acionados pelas sinapses cerebrais, elas produzem imagens e sensações e esses substantivos ganham “vida”. Eles desencadeiam uma série de emoções e sentimentos, bons ou ruins. E, dependem de quão fortes e intensas foram as situações vividas. Quanto mais profunda a lembrança, mais sentimento ela provoca. Se foi um acontecimento desagradável, esqueceremos. Mas, se o ocorrido resulta em benesses, o resultado é que faremos de tudo pra lembrá-lo e, o impossível, para conservá-lo sempre presente.

Refletindo sobre a temática, nos demos conta que tal fato acontece muito na área museológica, principalmente, no que chamamos de museus ou memoriais familiares.

É comum, quando viajamos para fora das capitais ou centros maiores, verificarmos a presença de memoriais familiares, principalmente em áreas de colonização. No Rio Grande do Sul, encontramos essa prática nas áreas destinadas aos imigrantes, de diferentes etnias. Açorianos, alemães, italianos, holandeses, poloneses, japoneses, entre outros, possuem alguma forma de rememoração de suas sagas. Algumas estão expostas em pequenos memoriais ou museus, outras ainda jazem esquecidas em sótãos e porões de algumas famílias.

Sendo museu um local de pesquisa, preservação, comunicação das memórias, vemos que as famílias, aqui no caso, das etnias portuguesa, alemã e italiana, se utilizam da instituição museu para guarda e preservação de suas memórias/vivências, tornando, assim, a instituição como “museu da família tal”. É, ali, nesse recinto, por vezes, apertado, que estarão guardados os objetos e documentos e toda a memória/tradições de uma família.

Verificando essa prática, nos questionamos sobre que motivos levam as pessoas a reunirem suas memórias familiares e por que elas as expõem a outrem? Instiga-nos ainda, o fato de não se saber como e nem como se desenvolve esse processo. E, por que as famílias guardam suas memórias? Medo. Esquecimento. Vergonha. Superioridade. Por que elas vão ou são transformadas em museus/memoriais? Uma série de prováveis respostas nos vem à mente. Entretanto, nenhuma é definitiva e, esse trabalho, justamente, contribuirá para que algumas dessas questões sejam respondidas.

Outro ponto que esse trabalho contemplou foi a questão da tipologia dos museus familiares e como essa dinâmica se constitui. Os museus de família, mediante coleta, ajuntamento de objetos ou herança, têm seu acervo, praticamente composto de “quinquilharias” que pertenceram a uma determinada geração da família, ou mesmo aos imigrantes que vieram ao Brasil, e, esse fato é muito relevante, pois, a primeira vista, parece apenas colecionismo. Entretanto, cada objeto que determinada família possui está muito carregado de uma simbologia e de uma história tão grande, que nos perguntamos se quando esse ajuntamento de objetos se torna museu, eles são resignificados, prática comum em instituições museológicas, ou se esses objetos mantêm a sua característica ou, a sua aura, como dizem.

A transmissão de memórias e mesmo de objetos não começa sozinha. Algum fator externo ou mesmo a ação de alguém é que, geralmente, implementa essa prática. Verificamos que essa “política” de guardar objetos ou lembranças, sempre ocorreu pelos cantos do mundo, como nos casos dos primeiros museus, ainda lá na antiguidade. O que nos intriga é o fato de esse “guardar as memórias” vem sendo um trabalho muito comum atualmente. Estamos até a ponto de falar e constatar se há um “boom” de museus familiares ocorrendo por aí. Buscamos essa resposta em memoriais familiares do interior do RS, longe de grandes centros e longe da atuação dos órgãos de assistência e fiscalização de instituições museológicas. Ocorre-nos questionar: essa geração de memoriais é espontânea ou será que é fruto de um momento, digamos, muito fluído e passageiro? Levando em conta o período contemporâneo, o agora, o momento que estamos vivendo, a rapidez do tempo e das relações, enfim, o que faz com que essas famílias decidam criar memoriais para si mesmos? E, como é que se sustenta esse memorial? É algo de alguém ou é algo representativo de um coletivo? Muitas perguntas, e, inúmeras respostas. Algumas até já esperadas.

Pensando sobre a constituição dos memoriais, nos demos conta que algumas famílias começam suas coletas, de objetos e memórias, durante a participação em festas de famílias, prática essa comum no RS. As famílias reúnem suas lembranças apenas durante o momento festivo, outras criam sites e ou blogs ou outro tipo de armazenamento virtual e, outras acabam por constituir memoriais físicos, em algum cantinho da casa do avô ou de algum parente. Nossa intenção com esse trabalho não é explorar os museus familiares virtuais. São de grande valia para esse estudo, mas, não dispomos de muitos subsídios para tal fim. E, não nos interessou, nesse momento, explorar o virtual das instituições museológicas familiares, pois a maioria se limita a uma página lançada na

web, como informações incipientes e nada mais. Nossa busca é pelos caminhos que as famílias tomaram para constituir seu memorial físico. Quem ou o que as levou a tomar tal atitude? Que personagem ou pessoa da família deu o pontapé inicial? Que tratativas, que tensões, que problemas e que meios as famílias tiveram para constituir um museu?

Durante a pesquisa nos museus familiares nos encontramos com essas questões. Mais do que um estudo sobre o porquê de tal prática, o assunto será tratado como mais uma forma de descobrir em que estado estão as instituições museológicas no RS e quais os meios para auxiliá-las.

Os três museus de família escolhidos para o trabalho de pesquisa foram assim selecionados por configurarem o Guia de Museus do Brasil, lançado em 2011, pelo Instituto Brasileiro de Museus, sendo a referência em termos de mapeamento sobre museus no país. Das três instituições escolhidas, duas se encontram cadastradas pelo Guia, a Casa João Luiz Pozzobon, em São João do Polêsine, e, o Museu Fragmentos do Tempo, em Mata. E, a última instituição está apenas mapeada, o Museu Casa Zinani, no interior da cidade de Caxias do Sul.

A princípio, trabalharíamos com mais três instituições, além das já levantadas. Por falta de contato e por serem instituições ainda em formação, sem nada escrito ou produzido sobre elas, achamos mais plausível não utilizá-las, pois a logística para atender e entrevistar todas as instituições que seriam estudadas não se cumpriria. Além do mais, verificamos que não houve nenhum retorno de duas instituições ao serem contadas. Uma delas possui um grau muito próximo ao dos autores do trabalho, fato esse que poderia comprometer a lisura e a idoneidade dessa pesquisa. E, a terceira e última instituição que havia sido sondada, zela pelo acervo de uma figura pública do estado do RS, estando então, fora do nosso escopo. Portanto, optamos pelo descarte de três instituições e ficamos com as que estão de alguma forma, vinculadas ao órgão responsável pelas instituições museológicas no Brasil, fato que, acreditamos nos dará mais respaldo no trabalho.

Notamos que podíamos ir além, pois a temática nos dá permissão para estudarmos até mesmo a influência que os laços de pertencimento e parentesco têm, ou não, na constituição dessas instituições. E, como esses museus lidam com a temática museológica. São apenas depósitos das lembranças de suas famílias ou tem algo a mais? Outra possibilidade que nos é permitida é verificar se as novas gerações mantêm ou não os museus. A história da família preservada naquele museu acompanha as gerações que se sucedem e vice-versa? Como o museu é mantido? Como os

responsáveis lidam com a fluidez dos tempos e a questão da transmissão das tradições e da própria memória. Essa dinâmica se contempla ou é fortalecida pela constituição do museu físico? Inúmeras questões transversais, mas que nos dão alguns pontos de apoio no estudo dessas instituições, pois nossa intenção não é engessar nossos objetos de estudos. A concepção de museu como lugar de coisa velha ainda é muito comum no seio da população, e levar o estudo para esse lado só corroboraria esse pensamento que há tanto tempo viemos combatendo.

Seria de grande valia se, durante a pesquisa nos espaços museológicos escolhidos, encontrássemos a tríade pesquisa, preservação e comunicação. Contudo, já estávamos preparados para encontrar uma situação diferente. Apesar de mapeados e serem considerados museus, as instituições pesquisadas carecem de muitas coisas, desde materiais até mão-de-obra qualificada. Entretanto, isso não diminui a riqueza de informações, sensações, visões e respostas que tivemos nas visitas. O entendimento que os donos ou gestores dessas instituições têm de seus museus será, também, um ponto chave para nossa pesquisa. Querendo ou não, nesse momento vemos se alguns discursos arraigados na mente das pessoas, do tipo museu como algo velho, se repetirão. Outra dúvida que nos ocorreu foi em relação aos gestores desses museus. Pensariam eles em si mesmos como gestores da memória da família? E, como lidar com a carga de ser responsável por algo maior e ter de retransmiti-lo? Não só para a sua própria família, mas para os visitantes do museu.

Por fim, cabe salientar aqui a relevância desta pesquisa. Nossa primeira ideia era apenas constatar como se dá a apropriação das famílias de seus objetos e suas lembranças e qual o processo que culmina com a criação dos memoriais físicos. O ciclo normal de formação de museus. Você vai lá pega alguns objetos “antigos” ou que você tenha interesse, encontra um local para expô-los e pronto você tem um museu. Claro, aqui, resumimos a dinâmica museológica de uma maneira extremamente simplista. Mas, é o que ocorre ainda hoje. Gostaríamos que não acontecesse, mas, temos reserva de que isso tenha se concretizado com nossos objetos de pesquisa. Ou fomos muito ingênuos nesse ponto, e os memoriais de famílias que estudamos nos surpreenderam.

O fato é que durante a realização da investigação, tivemos contato com uma literatura vasta e que nos auxiliou com novos pontos sobre a história da família, em especial, as questões de transmissão de conhecimento e as noções de pertencimento e parentesco, contribuindo para nossa noção de família contemporânea, além de nos fornecer subsídios sobre as temáticas da memória, patrimônio, tradição. Conceitos esses

importantes nesse período contemporâneo, no sentido de trazerem alguma luz ou satisfazer algumas dúvidas sobre como a família e os museus se comportam na contemporaneidade.

Assim, este trabalho foi realizado a fim de reunir subsídios que dessem algumas respostas às seguintes questões:

- O que leva as famílias a guardarem suas memórias?
- Por que essas memórias acabam se transformando em pequenos museus ou memoriais?
- Quem é ou quem são os responsáveis por essa guarda das memórias?
- Além de objetos, o que mais esses memoriais preservam?
- Como os museus e memoriais familiares são gerenciados?
- Que tensões são encontradas nesse processo de guarda de memórias e constituições de museus?

A partir dos dados obtidos, pudemos conhecer um pouco mais da dinâmica museológica que ocorre nos memoriais familiares, além de conhecermos como funcionam instituições museológicas que se formaram sem a contribuição do Estado ou de outro órgão da sociedade e, quiçá obtivemos informações sobre a real situação dos museus no RS.

Tendo como meta verificar a criação de três museus de família, situados no RS, a pesquisa se propôs, como objetivo geral, a identificar como se dá o início do processo de recuperação das memórias familiares, a fim de analisar os fatores que fazem com que essas memórias sejam musealizadas. E, especificamente, pretendeu: analisar os motivos que levam as pessoas a se interessarem pela pesquisa, preservação e comunicação de suas memórias familiares; identificar quem é o responsável ou os responsáveis pela guarda das memórias familiares; verificar como se dá a apropriação dos objetos, documentos e memórias das famílias e como isso é representado nos memoriais familiares; verificar se há pontos de tensão quando assunto família, pertencimento, parentesco ou herança forem questionados; diagnosticar a situação estrutural dos memoriais familiares no RS; e, finalmente, levantar informações mais consistentes sobre a situação dos memoriais familiares para, no futuro, sugerir mudanças e melhorias nos museus dessa tipologia.

Quanto ao caminho investigativo, decidimos pela abordagem qualitativa, por meio da qual conseguimos informações de como se deu a constituição de memoriais familiares e como os sujeitos componentes das famílias musealizaram suas memórias. Afinal, trabalhamos com sujeitos, que são componentes e criadores de instituições museológicas e não com números. Para isso, nos utilizamos de entrevistas abertas realizadas nos três locais selecionados. Mantivemos de quatro a cinco questões básicas, apenas para que, em caso de desvio do assunto, a conversa fosse retomada pelo entrevistador, sem perda de conteúdo. Registros fotográficos também foram usados para dar verossimilhança ao trabalho e como mostra da situação real dos pesquisados. Tanto fotos como o resultado das entrevistas feitas serão costuradas às respostas e, às dúvidas restantes, por uma bibliografia referente às questões de memória, família, parentesco, seleção, coleção e outros temas relativos aos precedentes.

Assim, nos capítulos subsequentes, descrevemos o processo conseguido nas visitas às instituições. Começamos com um capítulo destinado aos universos familiares e suas noções, além das questões e leituras referentes à transmissão, herança e as noções de pertencimento. Após esse breve levantamento, temos um capítulo específico sobre memória e suas implicações. É a base desse trabalho, pois é onde está a problemática de nossa pesquisa. É onde as questões e as tensões referentes aos guardiões das memórias se mostram e onde estes personagens vão ser realmente vivenciados, através de suas atuações nas instituições museológicas pesquisadas. Nos três museus pesquisados, verificamos a presença desses personagens. Em maior ou menor grau. Por fim, temos as reflexões finais sobre toda essa vivência.

## 2 UNIVERSOS FAMILIARES: TRANSMISSÃO & PERTENCIMENTO

Cada indivíduo é um ser único e sem igual. O mesmo pode-se dizer da família. Um pequeno grupo social ou quem sabe o modelo pai, mãe e filhos? Cada época apresenta um tipo de família, que não é único e nem igual. Hoje podemos falar certamente em famílias, como mostram os estudos de Antropologia, Sociologia e História. Podemos ver que os trabalhos sobre as famílias:

[...] passou do estudo das discretas estruturas domésticas para a investigação das relações da família nuclear com o grupo de parentesco mais vasto e do estudo da família como uma unidade doméstica distinta para um exame da interação familiar com os mundos da religião trabalho, educação, instituições correccionais e sociais e com os processos tais como de migração, industrialização e urbanização. (TERUYA, 2000, p.1)

A sociabilidade e os modos de ser das famílias, em especial, as constituintes dos memoriais que foram pesquisados, são importantes para nossa pesquisa, pois a família é um dos pilares da sociedade e algumas vivências e ou experiências só ocorrem ou ocorreram ali.

Muda o mundo, muda a família? Suas práticas permanecem as mesmas?

El tiempo familiar tiende a reproducir las actitudes de los antepasados, así como las variaciones y cambios de las descendencias. No son cambios fácilmente perceptibles, sino más bien conductas diferenciadas que se solapan produciendo variaciones con el tiempo. (CICERCHIA; BESTARD, 2006, p.8)

A família “pode ser considerada como uma unidade que envolve as economias individuais e pratica uma economia moral ou cultural colectiva (**sic**) com base nas relações de parentesco”, como nos fala Pereiro (2006-2007 p.3). Desse modo, sobre parentesco pode-se inferir que:

[...] encarnaria então questões de identidade, tais como a concepção da pessoa, as apreciações culturais da vida e da morte e as noções sobre as diferenças de gênero, assim como as ideias relativas a reprodução social que vão desde a transmissão da identidade nos sistemas de denominação até a sucessão de cargos e a transmissão de propriedades. (Id., 2006, p. 10, tradução nossa).

Assim, a família seria, então, “[...] consequência das relações de parentesco, é um grupo doméstico co-residente e com limites variáveis segundo os contextos culturais”

(ROWLAND apud PEREIRO, 2006-2007, p.3). Sendo o casamento o regulador dessa prática e ainda, o principal meio de herança e de descendências. Sejam essas heranças físicas ou simbólicas, criadas no decorrer das convivências. Mudanças e tradição. Novidades e hábitos. Estratégias e normas. Esses conceitos simbólicos permeiam as vidas familiares. São responsáveis pelos comportamentos e atitudes das famílias. Quem não aprende e apreende essa simbologia não pertence a esse grupo familiar. Está fora. Não pertence, porque “[...] a unidade familiar não está isenta de tensões, rivalidades internas e externas, negociações e conflitos”<sup>1</sup>.

Estudando os colonos teuto-brasileiros das colônias velhas no Rio Grande do Sul, Woortmann percebeu que para esses, “[...] o parentesco é construído por uma memória seletiva: o que deve ser retido e o que deve ser esquecido, a depender do valor que representa para os agentes a cada geração” (1994, p.1). No decorrer das falas dos teuto-brasileiros, a autora percebe essa dicotomia entre esses personagens e que vem ao encontro de nossa temática sobre transmissão e pertencimento. Sobre o assunto continua afirmando que:

[...] além da memória individual, operam dois planos da memória coletiva: aquele que se resume ao âmbito de uma ‘família’[...], quer dizer, aquilo que a tradição familiar replica de geração em geração, e aquele do grupo como um todo, parte do acervo dos que, na região, se pensam como teuto-brasileiros. [...] A memória social do grupo constitui-se num potencial que, na medida em que é acionado, substancializa-se em ‘matéria-prima’ com a qual são construídas e atualizadas as práticas de parentesco (1994, p.1).

Consideramos que essa fala não pertence apenas aos teuto-brasileiros. Em nossas andanças pelo interior do estado gaúcho, em busca das entrevistas que embasam esse trabalho, nos deparamos com o mesmo discurso da representante da família Zinani, do Museu Casa Zinani, de origem italiana, na fala da responsável pela Casa João Luiz Pozzobon, também de raízes italianas e na conversa no Museu Fragmentos do Tempo, de ramos familiares germânicos e portugueses.

Woortmann (1994) utiliza a categoria árvore como central no texto. Ela é central no pensamento dos colonos “quando falam da família [...] designam a genealogia sob a forma de uma árvore e [...] é composta de termos referentes à árvore, tais como tronco ou cepa [...], ramo [...] e outros”<sup>2</sup>. Nos estudos sobre os teuto-brasileiros, há uma curiosidade que nos despertou a atenção, e que o autor bem pontua, sobre as “diferenças

---

<sup>1</sup> (Id., 2006-2007, p.3).

<sup>2</sup> Id., p.2.

significativas entre a genealogia-vale dizer, a memória- dos novos-ricos urbanos e a dos colonos<sup>3</sup> e que representam significativamente a forma de como e o que é transmitido às gerações, duas formas de discurso. Uma geração ainda ligada às primeiras levadas de imigrantes e uma segunda, já urbana. O que nos parece incompreensível já que colonos, como cidadãos seriam da mesma linhagem. Só trocaram, digamos, de local.

É claro que os estudos do autor são mais profundos e trabalham questões de ego, discurso, prestígio e outros conceitos envolvendo colonos e famílias urbanas, e que, não estamos aptos a discordar e nem discorrer sobre o que não é de nossa alçada. Entretanto, usamos alguns excertos de sua pesquisa apenas para corroborar os resultados conseguidos em nossas próprias entrevistas. Buscamos em Halbwachs (2006) as questões dos vários tempos, em especial o tempo do vilarejo e o tempo da cidade, tão diferentes e reguladores das vidas dos colonos e dos cidadãos. Ou em Pollak, quando se refere à solidificação da memória em relação à ideia de estabilidade da identidade.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.(POLLAK, 1992, p. 205).

Na mesma obra, Pollak descreve os aspectos objetivos da identidade através de critérios determinantes como:

[...] a origem comum, a hereditariedade, a genealogia, a psicologia coletiva, a ligação a um território; ao mesmo tempo, aponta para aspectos subjetivos do fenômeno identitário, quando considera a identidade, também, um sentimento de pertencimento ou de identificação com uma coletividade (POLLAK apud NOBRE, 2009, p. 45).

Assim, ele nos dá mais elementos para compreendermos como se dá as questões referentes ao pertencimento e elucidando as questões de identidade, tão caras àqueles teuto-brasileiros de Woortmann e aos nossos interlocutores. Aqui não estamos afirmando que nossos entrevistados não possuem identidade ou não se identificam com seu grupo, ao contrário, são profundamente ligados as suas famílias que o resultado dessa ligação hoje leva o nome de museu.

Sobre as árvores, Woortmann prossegue dizendo que:

---

<sup>3</sup>Ibid., p.3.

[...] as árvores urbanas, emolduradas e muitas vezes expostas na parede da sala de visitas, representam algo que se aproxima a um culto da germanidade, valorizando os ascendentes alemães e 'esquecendo' (omitindo) a condição camponesa dos ascendentes brasileiros. Sofrem de amnésia [...]; enquanto a memória dos urbanizados suprime parte da trajetória brasileira, a [memória] dos colonos deleta a Alemanha. (Ibid., p.3)

Há aqui os conflitos e a seletividade, tão típicos dos portadores das memórias. Existe, como diz Pollak, "nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, não-ditos" (1989, p.8). Nas entrevistas pudemos verificar esse fenômeno. Foram contatos não tão profundos, não recorrentes e de curta duração<sup>4</sup>, mas que nos deixaram impressões sobre como foi a transmissão das memórias aos nossos entrevistados e dessas, quais eles priorizaram, e quais eles nos esconderam. Fato que será verificado na descrição de cada instituição no próximo capítulo.

Além da linhagem genealógica-identitária e dos museus, numa simplória definição de herança, constatamos que outra forma de legado e de transmissão de memórias é pela oralidade.

As memórias reconstruídas e coletadas através das entrevistas, testemunhos ou depoimentos, com os devidos cuidados, são transformadas em documentos e podem ser utilizadas como fontes orais. A história oral é um meio privilegiado para o resgate da vida cotidiana, tendo em vista que esta se mantém firmemente na memória (REINHARDT, 2002, p. 103).

Aqui temos mais um ponto chave para entendermos o porquê das famílias transformarem suas memórias em museus. Um dos fatores que constatamos ser essencial na dinâmica, nas só nas instituições visitadas, mas nas famílias em geral<sup>5</sup>, é o medo da perda. Medo da perda da memória. Segundo Paul Thompson<sup>6</sup>,

---

<sup>4</sup> As entrevistas, em geral, duraram cerca de duas horas em cada museu. Obtivemos inúmeros pontos sobre nossa temática com as entrevistas. Entretanto, consideramos que a falta de tempo e a distância entre os locais pesquisados contribuíram para que algumas respostas não fossem obtidas. Cada entrevistado foi inquirido a falar sobre a história de sua família, o que fizeram de bom grado. Contudo, a dinâmica ficou complicada por não termos estabelecido algum marco temporal, sendo que algumas das famílias possuem ramos muito antigos. O passado longínquo e o passado recente, nos parece, foram os limites colocados pelos próprios entrevistados.

<sup>5</sup> Usamos essa generalização apenas para mostrar como se dá a relação de transmissão de memória entre as pessoas. Aprofundar essa questão já é outra pesquisa, pois fizemos um recorte a priori da nossa temática, abordando apenas museus familiares.

<sup>6</sup> THOMPSON apud REINHARDT, 2002, p. 102.

[...] a transmissão cultural entre gerações é tão antiga quanto a humanidade. Em contraste com as pretensões da cultura de representar a tradição através dos séculos está a brevidade da vida humana. Daí a necessidade universal da transmissão da cultura entre gerações. O papel da família na transmissão cultural entre gerações é também antigo. Inclui não somente a transmissão da memória familiar, mas também da linguagem, da religião, da moradia, do nome, do território, dos valores e aspirações sociais, visões de mundo, habilidades domésticas, etc. (apud REINHARDT, 2002, p. 102).

O temor de perder a memória, não aquela ocasionada fisicamente, como um acidente ou a doença de Alzheimer, é inevitável. Mas, o medo de perder a memória das práticas, dos costumes, da perpetuação, enfim, pode ser mais dolorosa, por representar um rompimento de uma conectividade identitária ou como escreve Teresinha Bernardo<sup>7</sup>

[...] o recurso à memória pode possibilitar muito mais, à medida que permite descortinar situações conflituosas, discriminações, jogos de poder entre pessoas e grupos sociais e processos como o de construção de identidades, uma vez que memória e identidade se encontram umbricadas. Isso significa que o processo de memorização possibilita reconstruir e redefinir continuamente as identidades tanto individuais quanto coletivas [...]. (apud REINHARDT, 2002, p. 105).

Então, vemos com bons olhos esse medo. É ele que vai permitir a transmissão dos modos de fazeres para outras gerações e permite “reforçar as identidades, que, em consequência dessa globalização, correm risco de se perder”<sup>8</sup>. Essa questão é abordada por Bosi quando diz que:

[...] a memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (*versus* mobilidade), a família larga, extensa (*versus* ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (*versus* objetos de consumo) Eis aí alguns arrimos em que a memória se apoiava (BOSI, 2009, p. 19).

Por essas razões,

[...] a memória do indivíduo [...] depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, [...] com os grupos sociais afins. [...]. A memória da pessoa é amarrada à memória do grupo, e esta última à esfera da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> BERNARDO apud REINHARDT, 2002, p. 105.

<sup>8</sup> Id., 2002, p. 105.

<sup>9</sup> Ibid., 2002, p. 106.

Woortmann (1994), novamente, reforça essa tese, em seu trabalho sobre colonos, falando que

[...] a memória [...] se substancializa nas falas e em certos ícones, como as fotografias de família, certos documentos e nos objetos [...]. Há uma seletividade na evocação de fatos ou eventos positivos e negativos. Enquanto os primeiros são transmitidos didaticamente às crianças de cada geração como meio de formação de um habitus, os segundos são sussurrados ao pé do ouvido de adulto para adulto 'confiável', também em sentido didático (Ibid., p.12).

E toda a teia de relações entre um indivíduo e sua família, é responsável pelo mantimento da memória. É na família que o indivíduo está mais perto dos seus iguais e dessa interação, desse pertencimento, vêm às lembranças comuns. Vindo a baila as memórias, é mais fácil replicá-las e recontá-las. Seja oralmente ou por meio de evidências físicas (objetos). Sendo ajudado a lembrar, o indivíduo usufrui “de um tempo fluído, que carrega a própria existência do grupo”<sup>10</sup>. O individuo atua como pertencente ao grupo familiar, e esse grupo, age como transmissor de reminiscências a esse indivíduo. Ele as seleciona, desconstrói algumas e recria muitas e depois, retransmite. O que nos leva a concluir que “a memória faz a descendência e a descendência faz a memória”<sup>11</sup>.

As dinâmicas que falamos anteriormente acabam por provocar mudanças na própria família, além de muitos documentos (cartas, correspondências, diários, livros, etc.) e objetos, os quais acabam por constituir uma coleção. Pomian assim nos escreve o conceito de coleção:

[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades preparadas economicamente, sujeitos a uma proteção especial num local fechado para esse fim, e expostos ao olhar do público. (POMIAN, 1984, p.53)

Quem guardou objetos ou documentos, não sabia necessariamente que estava criando uma coleção ou um museu, no nosso caso. A maioria das pessoas arruma seus arquivos e objetos “para ver sua identidade reconhecida” (ARTIÈRES apud TANNO, 2007, p. 4) ou simplesmente, para “forjar uma glória de si mesmo” (RIBEIRO apud TANNO, 2007, p.5). Uma forma de se preservar para um futuro ou para alguém que ainda nem está presente. Isso ocorre intensamente com as figuras públicas ou que tiveram reconhecimento histórico, mas também nas casas de figuras menos ilustres e que graças

<sup>10</sup> Ibid., 2002, p. 108.

<sup>11</sup> Ibid., 1994, p. 3.

a sua organização ou a bondade de outrem, mantém o ofício de juntar as memórias e a identidade de alguns membros, fundadores ou não, importantes ou não, de uma família.

A história e as lembranças do avô, da avó, imigrantes, por exemplo, ficará marcada para sempre na memória dos filhos e depois dos netos, no momento em que se recompõe o quebra-cabeça de suas vidas. É como se nossos avôs, no passado, nos dessem, um presente, escolhido e arrumado, no agora. O que nos permite dizer que “a transmissão é a condição de possibilidade de memória” (VIDAL, 2007, p. 3).

Nossas entrevistas ocorreram todas no interior de pequenas cidades gaúchas. Não nos atrevemos a classificar nossos entrevistados como cidadãos ou como colonos. Com exceção de uma entrevistada, a qual será referenciada mais adiante, todos pertencem a uma linhagem transitória entre campo e cidade. Moram no interior, apenas isso e possivelmente, sejam os últimos herdeiros das memórias de suas famílias. Ainda se mantém firmes nos propósitos de guardar e mostrar as organizações sociais de suas famílias.

Nas visitas realizadas às instituições museológicas (Museu Fragmentos do Tempo, Casa João Luiz Pozzobon e Museu Casa Zinani), verificamos que a memória das famílias, na medida do possível foi herdada e, conseqüentemente, respeitada. Num caso, ela foi recriada, mas não perdendo a sua significância. A árvore genealógica continua. Ela está espalhada pelas paredes em forma de fotos. Numa linha cronológica, respeitando os bisavôs ou os primeiros migrantes e chegando as gerações mais atuais. Sua perpetuação ultrapassou os laços familiares e de parentesco, devido a reunião das heranças (acervos) e a sua colocação em destaque, em forma de um museu, quase alcançando a sacralidade em alguns dos casos. Agora, as heranças não são apenas transmitidas no seio da família. As histórias de glória, ou os dissabores, das vidas passadas são apresentados a visitantes desconhecidos.

### 3 MEMÓRIAS: GUARDIÕES & TENSÕES

No capítulo anterior, falamos de universos familiares e de como as famílias são as responsáveis em promover as questões da memória e como os indivíduos, sozinhos, não são capazes de recordar quase nada sobre suas vidas. Daí, a interdependência de sujeito e família, e da existência de objetos, evocadores, em alguns casos dessas recordações. A partir de agora, abordaremos as questões da memória através dos responsáveis pela sua continuidade nos seios familiares e porque não, em outros grupos sociais, os guardiões, suas tensões e suas coleções. E, no decorrer do texto, traremos os nossos três objetos de pesquisa para corroborarem com a discussão posta até aqui.

Para falarmos sobre guardiões e sobre os conflitos/tensões advindos desses personagens, tomamos emprestado o termo guardião/guardiões da memória utilizados por Myriam Moraes L. de Barros, em seu texto sobre Memória e Família (1989), e por Kellerhals *et alli.*, no artigo sobre Linguagens do parentesco: lógicas de construção identitária (2002). Esses trabalhos discorrem profundamente, num trabalho mais sistemático e amplo que o nosso, sobre os modos e agentes das transmissões familiares. Trazê-los à nossa pesquisa nos dá a certeza que certas práticas familiares cotidianas não são em vão e o que vimos nas entrevistas não é obra do acaso.

Kellerhals *et alli* (2002). tratam da transmissão familiar a partir de mecanismos e nos dão uma ideia de como eles funcionam. Para os autores:

[...] os mecanismos de transmissão familiar que participam na construção das identidades sociais podem ser definidos enquanto processos que articulam três componentes principais: [...] os *referenciais*, que permitem aos indivíduos orientarem-se e posicionarem-se no espaço social; [...] os *transmissores* - ou práticas colectivas-, através dos quais a família mobiliza os referenciais; [...] os *atores*, cujos modos de estruturação e de organização influenciam de maneira importante as configurações familiares, assim revelando os mecanismos de transmissão (KELLERHALS *et alli*, p. 546-547).

Toda essa engrenagem, com suas complexas peças, move o universo familiar e os modos e meios de transmissão das memórias familiares. Kellerhals *et alli.*, no decorrer do artigo sobre linhagens familiares, feita na Suíça, especializam ainda mais esse mecanismo (referenciais, transmissores e atores), subdividindo-o em subitens, onde cada subdivisão reforça a sua constituição e sustenta essa engrenagem maior. Atuando como referenciais temos

[...] o caso das *ancoragens* [...] transmitidas pela família, se destinam a vincular o indivíduo a grupos exteriores [...], os *emblemas*, que reforçam a coesão familiar em torno de símbolos partilhados- uma casa de família, um antepassado ou um ritual anual de encontro. Outros referenciais estão [...] ligados à ideia de função, isto é, ao futuro social e moral dos membros da família. [...] o *guião* refere-se ao projecto biográfico estruturado por expectativas familiares fortes, [...] o valor-código se refere às orientações [...] através das quais o grupo dá um sentido às relações internas [...]. O modelo [...] evoca [...] a ideia [...] de relação: é a 'coabitação' com uma personagem familiar admirada por ego [...]. (KELLERHALS *et alli*, 2002, p. 547).

Já esses referenciais só funcionariam com os transmissores, institucionais ou privatizados. Ligados à fé, ao patrimônio ou mesmo a questão mítica das famílias, “os transmissores do tipo institucional valorizam as práticas que articulam a vida familiar a instituições exteriores [...]”<sup>12</sup>. Por sua vez, “os transmissores do tipo privatizado investem [...] nas relações internas enquanto veículo de construção identitária”<sup>13</sup>. Como exemplo, desse último transmissor, temos um líder carismático, um familiar, no caso, com essa característica, normalmente, sendo as pessoas mais velhas.

Entretanto, essa lógica estruturante, de referenciais e transmissores, não funciona sem a presença dos atores, “[...] ou seja, pela definição de fronteiras familiares e de modos de organização interna”<sup>14</sup>. Aqui, temos outro ponto interessante para nossa pesquisa e que pincelamos lá trás, que é a questão do limite do universo familiar. Qual o grau de conhecimento que os indivíduos tem da extensão de sua família? Vemos que essa pergunta se responde com a questão de que “[...] certas culturas familiares favorecem através de narrativas e de rituais de encontro, uma consciência alargada do parentesco, enquanto outras estão [...] mais centradas sobre o presente [...]”<sup>15</sup>. Das três entrevistas feitas, duas mencionaram rituais de encontro<sup>16</sup>. Não como centro das suas práticas familiares, mas como forma de mensuração da árvore familiar e de meio de resgate de memórias. Em alguns casos, são esses ritos os desencadeadores das buscas às memórias. Tudo se resume a uma caça as memórias para “[...] lembrar quem somos, de onde viemos, o que nos aconteceu”<sup>17</sup>. E, cabe “a descendência [...] respeitar esse passado, bem como as personagens que o povoam, quer através de um conhecimento

<sup>12</sup> Ibid., p.547.

<sup>13</sup> KELLERHALS *et al.*, loc.cit.

<sup>14</sup> KELLERHALS *et al.*, loc.cit.

<sup>15</sup> Ibid., p. 548.

<sup>16</sup> Os autores desse trabalho, a priori, cogitaram usar festas de famílias para a composição da pesquisa. Por se tratar de um tema amplo e ainda sendo estruturado pelo pensamento acadêmico, consideramos melhor apenas referir esses ritos sem aprofundá-los.

<sup>17</sup> Ibid., p. 553.

dos factos, quer pela participação em encontros destinados a honrar esses [...] factos”<sup>18</sup>. Está aí, também, o porquê da transmissão e da importância do pertencimento. Quem não respeita essa engrenagem está, conseqüentemente, fora do universo familiar. E isso pode causar mal estar na família. Buscando descobrir sobre essa tensão, podemos afirmar que esse desconhecimento pode ser fruto da própria configuração da árvore familiar:

Os indivíduos da geração mais velha, cuja média etária é de 78,5 anos, conheceram lógicas familiares que acentuavam a ideia de pertença e a ideia de interação social [...]. Os seus filhos [...] têm uma média etária de 50 anos. Conheceram a revolução dos costumes e beneficiaram de um contexto sócio-económico favorável [...]. As suas culturas familiares de origem insistem sobre o consenso e sobre a ordem [...], mas estes indivíduos valorizam [...] a ideia de ascensão social. [...] As ancoragens e os emblemas são pontos de referencia do passado familiar, mas já não são activados no presente. [...] os indivíduos da geração jovem (23,5 anos de média etária) estão pouco familiarizados com a transmissão familiar de formas de ancoragem social e de emblemas de uma cultura colectiva. [...] interpreta o mundo exterior de forma utilitarista [...]. As gerações passadas e os membros distantes da parentela são pouco conhecidos. (KELLERHALS *et alli*, 2002, p. 559-560).

É esse um ponto de tensão. Verificamos a possível quebra da engrenagem de transmissão, de herança familiar, no caso. O passado ficará só com os mais velhos? Cremos que não. Conforme Kellerhals e outros:

[...] a organização familiar reflecte igualmente o peso do passado. Os papéis familiares devem procurar combater o esquecimento através da glorificação ou simplesmente da crónica dos factos passados. De um lado, o papel do ‘mestre de cerimónias’, que reúne os membros da parentela em torno de rituais que recapitulam a narrativa dos acontecimentos fundadores. E, de outro lado, o papel do ‘guardião da memória’, que se encarrega da preservação dos traços- escritos, orais, materiais- do passado familiar (KELLERHALS *et alli*, 2002,p.553).

Reinhardt (2002) acredita que, “para a manutenção da identidade do grupo é fundamental a figura dos mediadores. Eles são o elo vivo entre as gerações, transmitem o passado vivido e experimentado” (p.108). Guardiões e mestre de cerimônias não deixam de ser mediadores. Eles evitam o perigo da perda da transmissão, porque são as pontes entre o que é antigo, o lá de trás e o presente, o hoje. Famílias que ainda possuem essas pontes se sentem protegidas. Seus segredos, bom ou ruins, do passado, fáceis ou difíceis, estão em boas mãos e com certeza, alguns percalços ocorridos no passado não voltarão a acontecer.

---

<sup>18</sup> Ibid., p. 553 et seq.

O mestre de cerimônias nada mais é do que o personagem familiar responsável pelos ritos familiares. É ele que, no Natal ou no almoço de domingo, puxará as orações, já que assim sempre lhe foi ensinado. Ou aquele que irá bater em sua casa ou te mandará um e-mail perguntando sobre a sua vida, pois ele agora está num projeto novo: montar a árvore genealógica da família tal. Será ele que conduzirá as apresentações e a organização da “10ª Festa da Família Tal” e ficará descontente se você, membro da Família Tal, não aparecer na festa. Além de mestre de cerimônias, podemos chamá-lo de cozinheiro também. Nome mais apropriado não há, pois é “através de rituais e de encontros de comemoração visa-se alimentar a consciência do grupo”<sup>19</sup>. Nenhum dos entrevistados narrou ser mestre de cerimônias, tendo apenas, dois deles, participado ou ouvido falar, de festas de famílias:

*Tinha a festa dos Formigheri, que é da minha sogra. A gente foi pra Curitiba, fez festa. Aqui em Caxias tem uma festa grande. Até eu ajudei fazer [...] mas, depois [nada].*

*D. Ivete Zinani, entrevista concedida em 8/10/2011.*

O personagem-chave que permeia toda a nossa pesquisa sobre museus familiares é o guardião das memórias. Fazendo par com o mestre de cerimônias, e aqui, ganhando maior vulto, o guardião ou “narrador da memória familiar é a figura fundamental para se compreender [as] marcas visíveis do passado ou ‘museus de família’”<sup>20</sup>, fechando assim o circuito sobre o qual escolhemos trabalhar.

Os guardiões de memórias familiares mais conhecidos são os avós. Se o mestre de cerimônias é ponte, os avós são as estradas que interligam os demais locais da família. Em tempos de acontecimentos rápidos e transformações diárias, Barros, em suas entrevistas com avós, conclui que eles

[...] reconstroem suas vidas, lembrando a trajetória familiar e estabelecendo, na lembrança, o espaço familiar, a representação da família e suas relações internas. A própria representação da família e do parentesco sofre assim a marca do tempo. [...] A reconstrução desse caminho é **necessária** para estabelecer a identidade atual na família. (BARROS, 1989, p. 34-35, grifo nosso).

---

<sup>19</sup> Ibid., p. 553 et seq.

<sup>20</sup> Id., p. 36.

Avós representam muito mais que meros conselheiros. Em algumas famílias, como no caso dos nossos entrevistados, eles “são o início da trajetória da grande família [e com] capacidade de agregação de uma ampla rede familiar em torno de si”<sup>21</sup>. Experimente faltar na celebração de algum aniversário ou na noite de Natal. Lembrando sempre que os guardiões de memórias estão envolvidos em tensões. Essa é mais uma delas.

Vovôs e vovós, também, são responsáveis pela transmissão de bens simbólicos. “É porque a gente não leva nada dessa vida. Não leva nada, nada”<sup>22</sup>. Esses bens podem ser desde o ensinar a limpar o jardim, a ler, a arte da costura, escrever, por exemplo, sendo que “a transmissão [...] às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo de preservação dos valores familiares”<sup>23</sup>. Em suma, é tentar passar aos mais moços um pouco de juízo. São caminhos ou fontes de sabedoria.

Estando ausentes quaisquer uns desses personagens- mestre de cerimônias ou o guardião-, a identidade familiar fica fragilizada. Estar perto do fim, reativa memórias e ganha mais adeptos ao cargo de guardiões. É só perto do fim dos nossos antepassados que aprendemos a escutá-los, que ouvimos suas palavras e honramos seus valores. Algumas vezes, o que resta apenas são os bens físicos, pois as memórias foram perdidas por falta de transmissão.

Com o fim dos guardiões mais antigos, novos sentinelas vêm zelar pela memória. São eles que

[...] tomam para si a tarefa de preservar os arquivos da memória familiar [...], [seja em] caixas nas partes mais altas dos armários, álbuns nas estantes do escritório, envelopes e papéis empilhados dentro de gavetas, pacotes cuidadosamente amarrados com barbantes e guardados em cômodas pesadas [...]. (BARROS, 1989, p.37).

O novo guardião, agora, atuaria quase como um museólogo, preservando tudo o que remetesse fisicamente a sua família (de móveis a cartas de amor, passando por fotografias, álbuns, armas, etc.), e, usando de “uma estratégia de esconder e expor, um jogo de apresentação pública e de preservação da intimidade familiar. [...]. Todos [...]

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 35.

<sup>22</sup> ZINANI, 2011.

<sup>23</sup> Ibid., p. 36.

preservados e reunidos, compondo um pequeno museu”<sup>24</sup>. Ou como disse a Sra. Ivete Zinani, falando de um dos primeiros guardiões em sua família:

*O meu pai tinha que ser como é que é o nome? Mu-seo...Mu-se-ó-lo-go! Meu pai deveria ter sido isso, porque meu pai adorava guardar coisas. Guardar, guardar, guardar. Então pra ti ver que tem a cama do meu bisavô quando chegou ao Brasil. A cama dele, em 1888, quando ele chegou e fez no Brasil. E, dormiu [nela] até morrer, em 1917. Nós temos a cama ali. Agora, a gente montou ela, mas meu pai dizia: 'Não me botem fora! Não queimem, que é do meu avô que veio da Itália'. Que era o vô dele, que veio da Itália. Meu bisa, né, tu vê [...]. Então, tudo foi guardado por eles. Graças a eles que nós temos isso.*

*D. Ivete Zinani, entrevista concedida em 8/10/2011.*

Pollak (1992) se refere à memória, tanto a individual, quanto a coletiva formada por uma série de elementos. A memória seria composta pelos “acontecimentos vividos pessoalmente, e em segundo lugar, [pelos] acontecimentos ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa pertence” (Op.cit., p. 201). Entretanto, continua ele dizendo que:

*[...] ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referencia aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. (POLLAK, 1992, p.204).*

O guardião do museu familiar é um personagem multidisciplinar. É museólogo, quando preserva, seleciona e expõe ou esconde determinado objeto. Não há como não pensar em seleção quando se trabalha com temas relacionados à guarda e preservação, seja das memórias e arquivos dos sujeitos. É historiador ou antropólogo, quando pesquisa sobre a sua família. Faz papel de juiz de paz, porque tem de mexer e acessar acervos de ramos familiares que são necessários, mas estão inacessíveis por motivos de brigas ou perdidos. Cabe a família cooperar com essa atividade tão importante para sua sobrevivência simbólica. O guardião tem função social para a família.

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 37.

Não é uma motivação individualizada que leva o colecionador a procurar, investigar, encontrar e conservar seus bens preciosos. Ele está imbuído de um papel que lhe confere o direito e também a obrigação de cuidar da memória do grupo familiar. Essas atribuições [...] são especificadas por toda a família que consensualmente o incumbiu desta tarefa. (Ibid., p.38).

E, principalmente, o guardião do museu familiar não deve ter medo. Nas paredes e espalhados pelo museu estarão fotografias, objetos, enfim, estão nos baús, as lembranças de sua vida, da vida de seus parentes, da vida da família. Algumas delas serão sempre assustadoras e outras uma benesse aos olhos. É tarefa do guardião, organizar essas lembranças, da melhor forma possível, criando uma narrativa das infinitas histórias familiares, que seja compreensível aos visitantes e ao mesmo tempo, para o seu grupo.

O que foi encontrado nas entrevistas, só pode ser reconstituído dessa maneira, porque além da memória individual do entrevistado, ele baseou-se na memória coletiva das pessoas constituintes dos seus ramos familiares. É difícil lembrar-se de tudo. E isso nem deve acontecer mesmo. Nossa memória é seletiva. Mas, complicado ainda é mexer em casos e fatos antigos. Seja da família, seja dos amigos. Podres, dores e pesares serão revisados e revisitados. O cotidiano difícil, geralmente, das famílias de migrantes ou imigrantes, as dificuldades de adaptação, idioma e a própria convivência entre desconhecidos, seja em família, seja na vizinhança esteve sempre presente nas falas. As entrevistas foram momentos de alegria, de tensão e de reflexão. Cada guardião de museu familiar entrevistado, nesse momento, refazia, em sua mente, uma tessitura, costurando os retalhos e momentos de suas famílias, para que elas fizessem sentido para os interlocutores, mais ouvintes do que questionadores.

Damos-nos conta desse processo somente agora, depois de ouvir pessoalmente cada um dos guardiões, de ouvirmos as suas entrevistas e novamente, após a leitura das transcrições. Percebemos que sim, tivemos contato com três guardiões de museus familiares. Particulares em suas histórias familiares e constituições dos museus, mas coletivos em suas memórias. Foi nesse belíssimo trabalho de preservação das memórias e da reconstrução das lembranças que pudemos acompanhar a verdadeira face da família e tudo mais que resultou na constituição de um espaço, físico, para esse repouso memorialístico.

A seguir veremos como se deu a abertura dos baús e a criação dos museus familiares pelos seus respectivos guardiões.

O contato com as três instituições foi feita mediante correio eletrônico e por telefone. As primeiras informações que os autores tinham sobre esses museus familiares estavam contidos no Guia dos Museus Brasileiros, de 2011. Lá encontramos as informações básicas (situação, endereço, contato, natureza, tipologia e ano da criação) e que nos deram a orientação sobre o que estávamos buscando. Dois são cadastrados, e um, o Museu Casa Zinani está só mapeado, pelo Instituto Brasileiro de Museus. No referido Guia, os três museus aparecerem como privados, sendo assim, os consideramos aptos a investigação.

Um ponto a ser frisado aqui, e que tornou o trabalho praticável num ponto, foi o fato das instituições estarem abertas só nos finais de semana. Isso facilitou os deslocamentos. Somente o Museu Fragmentos do Tempo funciona diariamente. Os outros dois somente sob agendamento atendem durante a semana. Por outro lado, a dificuldade foi as distâncias e uma maior comunicabilidade entre pesquisadores e entrevistados. Aqui fazemos uma *mea culpa*, pois a nossa insistência em buscar as respostas talvez não tenha sido tão forte, mas a fruição, com certeza foi. No sentimos renovados e esperançosos depois de cada entrevista. Um pouco, desanimados, sem dúvida, com as práticas museológicas. Teoria é sempre uma coisa, prática é sempre outra.

Convenhamos, tanto nossos guardiões entrevistados, principalmente eles, na verdade, quanto os autores tem muitos afazeres extra-museus. Isso faz muito a diferença. Mesmo tendo parcos conhecimentos nas práticas, nossos guardiões pesquisam, selecionaram e ainda selecionam e expõem as memórias de suas famílias nos seus espaços de lembrar. Não há como criticar alguém que é autodidata e faz tão bem o seu trabalho, verdadeiramente, no ramo da preservação. O que podemos fazer é apenas bater palmas e oferecer nossa ajuda, para que esses guardiões possam recriar ambientes mais convidativos aos seus visitantes, quer sejam seus familiares quer sejam público espontâneo. Entretanto, nesse ínterim, algumas perguntas tenham ficado sem resposta. O que não nos deixa pessimistas, pois essas lacunas apenas nos instigam a voltar e a pesquisar ainda mais esses estimados guardadores de memórias familiares.

Cada guardião de memória foi entrevistado em dias diferentes. Primeiramente visitamos a Casa João Luiz Pozzobon, em São João do Polesinê, e no dia seguinte, o Museu Fragmentos do Tempo, no Distrito de São José do Louro, zona rural da cidade de Mata. Na semana seguinte, partimos rumo a Terceira Léguas, interior do Distrito de Galópolis, pertencente à cidade de Caxias do Sul, para a entrevista no Museu Casa Zinani. Sendo que estivemos em suas companhias durante uma manhã inteira ou uma

tarde inteira. Nenhuma das entrevistas foi fechada. Levantamos, ainda no projeto, apenas algumas questões pontuais e que nos serviram para manter o rumo da conversa em torno da temática de nossa pesquisa. Vale lembrar que muito mais que entrevistas, tivemos conversas, desabafos, incertezas, desconfianças, silêncios, choros, reclamações, emoções e tudo mais que um bom guardião de memórias deve fornecer.

A sistematização das informações no texto seguiu a ordem das entrevistas. Então, primeiramente falaremos sobre a Casa João Luiz Pozzobon, depois do Museu Fragmentos do Tempo e por fim, do Museu Casa Zinani.

### **3.1 Casa João Luiz Pozzobon<sup>25</sup>**

A história da Casa João Luiz Pozzobon é um pouco diferente dos conceitos que vínhamos trabalhando até agora. Não é um lugar de guarda de memória da família Pozzobon, e sim de um descendente, bem peculiar e particular, dessa família. Mas o museu e a própria região onde está assentado tem a história dos Pozzobon. A família está ligada a imigração italiana. E, essa está, por sua vez, ligada a colonização da Quarta Colônia de imigração italiana no Rio Grande do Sul, e muito ligada à religião católica, através de Luiz Pozzobon. Pareceu-nos confuso, primeiramente. Mas, no decorrer da fala da Sra. Anadete Buriol, responsável pelo museu, tivemos o descortinamento de todo esse contexto, amplo e difuso, que compõe o museu.

A história de João Luiz Pozzobon começa ainda na Itália, quando da vinda de sua família para o Brasil, nos idos tempos das levas de imigrantes:

---

<sup>25</sup> Apêndices C, D, E e F.

*Ele é filho de um casal que se instalou aqui comprando os lotes. Não tem como desvincular o João Pozzobon da história da imigração italiana na Quarta Colônia, porque não tem [...]. Ele fica sem [...]. Ele fica solto no tempo e no espaço, né. Então, a família do João Pozzobon, como as outras, os pais [...] não tenho certeza se os pais ou os avós que vieram da Itália. Me parece que foi o avô<sup>26</sup>. Ele era bem pequenininho. Ele nasceu aqui no Brasil ou no navio [...]. Não tenho certeza. [...] Aí, eles foram no barracão, ali em Silveira Martins [...] E, dali todos se distribuíram pelas regiões da Quarta Colônia que precisavam ser colonizadas.*

*Sra. Anadete Buriol, entrevista concedida em 01/10/2011.*

Enquanto falava sobre a família Pozzobon, a Sra. Anadete falava também de todo contexto histórico, social e político efervescente que ocorria no Brasil em fins do século XIX. A Itália “facilitando” a saídas de suas gentes e o nosso país recebendo essas pessoas.

Instalados<sup>27</sup> na Quarta Colônia, a família Pozzobon trata de comprar lotes em Vale Vêneto<sup>28</sup>, mas ali já há um inchaço populacional. Então:

*[...] a família do pai do João, que era o Ferdinando e a Dona [pausa na fala], esposa dele, Dona Augusta. Eles compraram esse lote de 30 hectares, com mais dois irmãos compraram 30, mais 30 hectares. Eram 90 hectares que foram de portugueses. [...]. Cortaram uma clareira de mato e fizeram uma habitação, de mato, com aquela própria madeira. Uma moradia muito simples e o casal se instalou ali [...] com duas filhas. Duas crianças. Era uma família de quatro pessoas. Aí, se instalando aí nasceu o João. [...]. Primeiro filho homem.*

*Sra. Anadete Buriol, entrevista concedida em 01/10/2011.*

Adaptados ao novo solo, e com a família em crescimento<sup>29</sup>, os Pozzobon foram desbravando os matos e criando lavouras, para subsistência e para a venda. Principalmente, a cana-de-açúcar, pois a uva ali não prosperou como na serra gaúcha. Aprender uma prática requer sacrifícios, os quais a família passou, “assim, eles tiveram a

<sup>26</sup> João Pozzobon nasceu em São João do Polesinê, em 1904, e faleceu em 1985, em Santa Maria, atropelado por um caminhão enquanto caminhava para ir ao Santuário de Schoenstatt. Seu pai sim nasceu no navio que trouxe a família ao Brasil.

<sup>27</sup> Datas precisas e alguns nomes não foram mencionados pela entrevistada. O que não altera em nada a narrativa histórica que ela fez para falar da família Pozzobon.

<sup>28</sup> Local vizinho de São João do Polesinê.

<sup>29</sup> O casal teve, ao todo, nove filhos.

parte econômica meio atrasada. E o João teve tudo isso, passou por tudo isso, né, no tempo dele” (BURIOL, 2011).

A casa que abriga o museu tem por si só uma história:

*Essa casa que estamos aqui hoje é uma cópia da primeira. [...] Essa propriedade foi vendida e a família saiu e depois foi readquirida pelo Movimento de Schoenstatt. Agora não é mais propriedade da família do João. [...] Um irmão do João vendeu para meu pai a propriedade. [...] Foi destruída naquela época do desenvolvimento da soja. [...] A casa também não foi preservada e, **através de fotos e de relatos** foi reconstruída posteriormente.*

*Sra. Anadete Buriol, entrevista concedida em 01/10/2011, grifo nosso.*

João viveu nela até seu primeiro casamento. Mudou-se com a esposa para Restinga Seca, cidade vizinha, e não trabalhou mais na agricultura. Montou uma pousada e entrou para o ramo hoteleiro. Onde foi muito bem sucedido, devido a sua inteligência, segundo a Sra. Anadete nos disse. Ele e a esposa tiveram um casal de filhos. Anos depois, a esposa falece do que parece ter sido tuberculose. Enquanto, tratava da esposa, largou a pousada, voltou para a casa dos pais e novamente partiu, agora para Santa Maria, onde montou um armazém e pretendia que lá ela conseguisse tratamento adequado. Nada deu certo:

*Aconselhado pela família e pelos padres, ele começou a rezar muito.*

*Sra. Anadete Buriol, entrevista concedida em 01/10/2011.*

Meses após o falecimento da primeira esposa, João se casa novamente e tem mais cinco filhos. E, seu envolvimento com a religião é ainda mais intenso.

A vida religiosa de João foi tão intensa que durante cerca de trinta anos ele peregrinou<sup>30</sup> por diversas regiões levando a imagem da Mãe Três Vezes Admirável. Hoje ele é considerado Servo de Deus pela Igreja Católica e seu processo de beatificação aguarda julgamento no Vaticano.

Homem de muita devoção, assim se manifesta João:

---

<sup>30</sup> Há informações de que ele caminhou carregando a imagem por mais de 140 mil quilômetros, entre Brasil, Argentina e Alemanha. Começando pela sua região natal, sempre a pé.

*[...] começou a se envolver com o Movimento de Schoenstatt, em Santa Maria. Ele fazia parte do grupo de terço. [...] Participou do primeiro santuário de Scheonstatt do Brasil [...] por toda a vida. Então, ele pegou uma [das três imagens da Mãe Três Vezes Admirável vindas ao Brasil] e começou a peregrinar. Primeiro os vizinhos. [...] Depois as famílias. Ele ia nas famílias levando e rezando o terço. [...] Fez um trabalho enorme nas escolas. [...] Começaram a interpretar como se fosse um, sei lá, charlatão. [...] Depois, foi aceito, porque entenderam que a missão dele era [...]. Ele não tinha outros interesses se não simplesmente divulgar a fé. [...] Começou com 50 anos, terminou com 81.*

*Sra. Anadete Buriol, entrevista concedida em 01/10/2011.*

A história da guardiã da memória, Sra. Anadete acaba se confundido com a história do personagem que ela zela pela memória. A família de Anadete morou no mesmo local da família Pozzobon e a ainda menina, Anadete, viu João durante suas peregrinações nas escolas:

*[...] a única coisa que fazia parar aquela aula era o João. Ele trazia a imagem. [...] De terno e gravata. Queria estar sempre a rigor. [...] Depois uma história da peregrinação. A gente achava muito importante ouvir, porque a história atraía as crianças.*

*(BURIOL, 2011).*

Ainda sobre a casa, o processo de beatificação e o museu, Anadete nos assevera que está tudo interligado. Com a possível beatificação em curso, muitas excursões de fieis vinham até o terreno onde ficava a casa de João e de lá levavam punhados de terra. Em meados de 1994, o Movimento de Schoenstatt compra o terreno do pai de Anadete e a Prefeitura Municipal, mais o Governo do Estado, em 1998, recria a casa dos primeiros anos de João. Era uma forma de:

*[...] se ter algo de concreto. Se materializando as coisas. Como era o estilo de vida dele. O que ele fazia no local de nascimento, a cultura dele [...]. A fé, né, por causa da fé mesmo.*

*(BURIOL, 2011).*

A presença da família Pozzobon na casa se dá através de fotografias e alguns objetos doados por conhecidos. E da própria reconstrução da casa. Uma réplica da

imagem da Mãe Admirável Três Vezes no corredor de entrada nos dá as boas-vindas e nos protege do que quer que seja. Lembra-nos que João ainda peregrina no coração e na fé das pessoas. Nem sempre foi assim. Houve estranheza por parte dos habitantes de São João do Polesinê e dos parentes distantes da família:

*Nós nascemos vendo tudo isso. Pra nós não é uma coisa diferente. Mas agora sim, já tão vendo o que realmente ele [João] fez[...].*  
(BURIOL, 2011).

A questão do horário de funcionamento também foi um problema. Somente após sentir o fluxo de visitantes, Anadete e os responsáveis do setor na Prefeitura Municipal, acordaram que era melhor só abrir nos finais de semana e quando houvesse agendamento. Aí, Anadete, que é Engenheira Florestal, com especializações em Turismo e Museologia, trabalha em seu escritório durante a semana e no sábado e domingo zela pela Casa.

Pelos cômodos é possível ver camas de palha, e objetos de devoção de João. Na cozinha, separada da casa principal, temos fogão a lenha, onde Anadete prepara a polenta para as excursões e todos os objetos tipicamente coloniais e representativos da cultura italiana, herança familiar de João.

A Casa João Luiz Pozzobon hoje faz parte do caminho de peregrinação “Nos Caminhos do Diácono João Luiz Pozzobon”, projeto elaborado pelas entidades religiosas da região, contando com o apoio da prefeitura Municipal de São João do Polesinê e recebe excursões de várias regiões do planeta. Conta, agora, com um pequeno restaurante e banheiros públicos para receber esses visitantes. A entrada no museu custa simbólicos R\$ 2,00.

No começo da entrevista, tivemos certas restrições sobre o andamento do museu. Isso foi até entendermos a história do homenageado e todo o esforço que Anadete, o Movimento de Schoenstatt e a Prefeitura Municipal de São João do Polesinê fazem para manter o museu. Além de zelar pela memória de uma figura ilustre da região, o museu acaba atraindo visitantes para a cidade também, gerando assim, algum lucro para o município.

No final da conversa e da visita a Casa, tivemos a certeza de que estávamos diante de uma verdadeira guardiã de memórias, porque:

*[...] eu me apeguei tanto a isso aqui, que parece a minha casa. [...] Não consigo largar, porque eu gosto. [...] e pela segurança que dá, né. E, eu me sinto bem trabalhando aqui. Me sinto muito bem.*

*(BURIOL, 2011).*

Mesmo não fazendo parte da família Pozzobon, a Sra. Anadete é uma competente e esforçada guardiã de memórias, aqui, no caso, de uma família que não a sua. Rompe-se, nessa situação, a linhagem dos guardiões de memórias descendentes da própria família. O que não desclassifica em nada o trabalho realizado na Casa João Luiz Pozzobon.

### **3.2 Museu Fragmentos do Tempo<sup>31</sup>**

Situado na zona rural da cidade de Mata, na região norte gaúcha, o Museu Fragmentos do Tempo foi uma grata descoberta. Na verdade, não poderíamos chamá-lo de museu e sim de complexo museológico. Além da casa da família, onde está o museu, há uma série de construções que guardam acervo. Tudo perfeitamente organizado, mas ainda em fase de catalogação, pelo Sr. Eron Haesbaert, guardião das memórias da família alemã, que se misturou a pessoas de origem italiana, portuguesa e brasileira.

Formado em Relações Públicas pela PUCRS, Sr. Eron nunca exerceu a profissão. Foi bancário no Banrisul e se aposentou por essa instituição. Veio para o interior,

*[...]fazer alguma coisa para passar o tempo. Na realidade, fazer um resgate, né. Dá para se dizer assim que é um resgate espiritual. Por isso que te perguntei qual era a tua religião. Que a minha história é muito louca assim. Tem muitos detalhes curiosos. Outros que eu nem entendo ainda que me aconteceram. Por que me aconteceram? Por que fui levado a fazer isso,né? [...].*

*Sr. Eron Haesbaert, entrevista concedida em 02/10/2011.*

Mary Alice Gregory. É assim que começa a coleção e o sentimento de guarda de memórias do Sr. Eron. E, começa num antiquário em Porto Alegre:

---

<sup>31</sup> Apêndices G, H, I e J.

*Uma tarde resolvemos sair pra comer panqueca. E essa casa tava fechada. Aí, eu conversei com o pessoal [...] vamos subir na Marechal para ver os antiquários para matar tempo. [...] Chegamos lá e ele tinha dois vasinhos verdes, assim, pintados de branco. Eu perguntei o preço pro cara, pra passar tempo. [...] Eu tinha que trabalhar um mês para comprar um daqueles vasos! Bah, eu disse. Eu to com um vaso desse aí, praticamente igual a pintura, só que outro tom, vermelho cereja, no túmulo da minha vó. Diz ele assim: Tu tem tempo? Eu digo: Tenho, nós tamo matando tempo. Então, vou te contar a história dessa pintora<sup>32</sup>. [...] Disse: Tu quer um conselho? Vai lá e tira esse vaso do túmulo da tua vó. Se for uma pessoa que conhece o valor da peça vai roubar vocês. Sem contar no valor financeiro, vocês vão perder o valor emocional que era da tua família. Ah, mas era tudo o que eu precisava ouvir. [...] A gente ia no cemitério e aquele vaso me chamava a atenção. Pegava aquele vaso na mão, não sabia por quê.*

*Sr. Eron Haesbaert, entrevista concedida em 02/10/2011.*

O Sr. Eron, como supomos, trocou os vasos do cemitério e a partir dali sua vida mudou completamente:

*[...] eu comecei a ter visão. Eu digo que era verdadeiro o pesadelo e tinha que transportar muita coisa antiga dum lado pro outro. [...] Eu tinha que **guardar** aquilo. Tinha que **proteger de alguma maneira**. Eram peças e peças e caixas”*

*Sr. Eron Haesbaert, entrevista concedida em 02/10/2011.*

E, começou a comprar objetos no Brique da Redenção<sup>33</sup>, em Porto Alegre, mesmo sua mãe dizendo que a família tinha algo parecido. Tornou-se um colecionador de vidro. Coleções, geralmente, tem suas origens com

<sup>32</sup> Essa pintora começou a pintar nos Estados Unidos. Numa fábrica de vidros em Massachusetts, lá por 1860. Só pintava com tinta branca. Nunca usou outra cor de tinta. Praticamente só pintava crianças, porque ela nunca teve filhos. E, hoje, nos Estados Unidos, essas peças servem como referência para quem gosta de estudar o vestuário infantil do século XIX. E, essa senhora se chamava Mary Alice Gregory. Pinta até 1905, durante 45 anos. São peças raras hoje. (Informação verbal, HAESBAERT, 2011).

<sup>33</sup> Feira de artesanato e antiquários que ocorre todo domingo o Parque Farroupilha, em Porto Alegre.

[...] peças que se herdaram e a que se pretende dar continuidade, algo que nos tocou num determinado momento [...] e até por uma certa curiosidade direccionada para o saber mais, o mais saber sobre as suas origens [...]. [Ou] na carga emocional que [o objeto] possa transmitir, seja pelas circunstâncias decorrentes em que foi oferecido, seja pelo que representa ou representou a pessoa que lhe ofereceu [...]. (JANEIRA, 2005, p. 175).

O vaso Mary Alice Gregory foi o que despertou o Sr. Eron para a sua missão de guardião de memórias, pois:

*[...] que de tantos netos, bisnetos e trinetos que as minhas avós e trisavós tiveram, eu fui o escolhido para fazer isso. Algum sentido tem. Acredite quem quiser!*  
(HAESBAERT, 2011).

Os ramos familiares<sup>34</sup> do Sr. Eron, para se ter uma ideia, de quão profunda é a busca pelas suas raízes, se constituem em 1803, a parte germânica, e em 1780, a parte portuguesa- brasileira.

O pentavô de Eron, Joaquim José de Araújo, nascido em Curitiba, ainda pertencente a São Paulo, por volta de 1780, se apaixona por uma negra. Em histórias de amor nada é muito simples. Ele teve que fugir de Curitiba e se casa com a negra. E tem um filho com ela. No Rio Grande do Sul, instala-se na região de Rio Pardo e fazia o comércio entre as Missões e toda a zona de fronteira. Nessas viagens, se apaixona por uma índia e a leva para morar junto com ele, vivendo em concubinato. No desenrolar da história, temos a presença de Auguste Saint-Hilaire, os vários casamentos, as doações de sesmarias, os cargos oficiais, as mortes, os assassinatos, os escravos, os silêncios e a luta das mulheres para manter suas famílias, num período em que o estado sul-rio-grandense estava em plena Revolta Farroupilha. É o que consta nos testamentos, nos inventários e na memória do guardião, Sr. Eron:

*É todo esse trabalho que eu precisei fazer. [...] Mas é um resgate espiritual. Por isso, eu te perguntei qual é a tua religião. Que os espíritas entendem melhor esse meu lado. Eu precisei arrancar a minha história pela raiz. Não fui eu que achei eles. Foi eles que me acharam e me levaram a fazer isso.*  
(HAESBAERT, 2011).

<sup>34</sup> Em mais de duas horas o Sr Eron nos contou sobre a história dos seus ramos familiares. Infelizmente, não podemos transcrever toda a narrativa, por falta de tempo e pelo tema ser amplo demais, nos afastando do objetivo proposto. Maiores informações podem ser obtidas no seguinte endereço: [www.netwizard.com.br/museu](http://www.netwizard.com.br/museu).

O lado alemão da família começa em 1465, segundo pesquisas do Sr. Eron. Mas, é em 1803 que nasce Johann Haesbaert, patriarca da família, na Alemanha. Ele imigra para os Estados Unidos e estuda Teologia. Formado pastor é abandonado pela primeira esposa, sem filhos, e logo se casa com outra mulher. Em 1845, é mandado para o Brasil para assumir a Igreja Luterana em Hamburgo Velho, hoje Novo Hamburgo. Tiveram onze filhos. Aqui no Brasil, temos a história do pastor e da família Haesbaert misturada com os eventos políticos e sociais da época. Que vão desde a casa sitiada por militares (Guerra do Paraguai) trabalhos em fábricas, transporte de mercadorias e pessoas em vapores, coronelismo, traições, mortes, lutas, tratamentos de saúde precários, transporte pela ferrovia, enfim, até a herança da casa pelo avô do Sr. Eron. Uma história narrada com muita precisão e emoção pelo Sr. Eron, mas que infelizmente não cabem aqui nessas páginas.

Onde antes havia lavoura de mandioca, dá lugar hoje a vários prédios. O terreno que abriga o museu foi também herança familiar. Uma herança que até hoje é discutida pelos herdeiros e é objeto de estudos nos cursos de Direito como o inventário mais longo do Rio Grande do Sul.

O museu teve sua origem, propriamente dita, a onze anos atrás, com três salas dentro da casa, totalizando cerca de 500 peças. Hoje, possui em torno de 8000 peças e seis salas. Pequenas sim, mas ainda suprimindo a área de exposição. Tantas peças e baús com documentos que nem mesmo o Sr Eron consegue se achar! Ponto que consideramos relevante para um futuro trabalho de acessória museológica na instituição. Porcelana é o que mais se encontra, pois Eron é um colecionador, um dos maiores, diga-se de passagem, colecionadores da porcelana Pozzani no Brasil. Pudemos ver em sua reserva técnica, que ele insiste em chamar de depósito, sua coleção de porcelanas, coleção de revista Seleções, documentos originais (testamentos, inventários, cartas), objetos de cemitérios, armas, etc. Cerca de 30% dos objetos do museu realmente é herança de família.

*Eu tenho desde a trança do cabelo da minha bisavó. [...] Eu tenho a toalha do enxoval da minha avó.*

*(HAESBAERT, 2011)*

Os demais objetos foram aquisições do Sr. Eron. A primeira sala de arte cemiterial. O prédio remontado com as peças da atafona do bisavô. Um prédio com uma capelinha onde há espaço para meditação e orações. Uma construção para a roda d'água e o lago. Fora os pequenos monumentos espalhados pelo jardim, que homenageiam seus antepassados. Tudo isso forma o complexo museológico do Museu Fragmentos do Tempo.

Toda essa preocupação não vem de agora, vem de herança, vem da geração passada, como nos contou Eron, que tudo é

*Uma herança cármica, digamos assim. Então, tem muito dessas histórias de família para se guardar. Agora estou escrevendo um livro contando essas histórias. Uma coisa bem pessoal. Um trabalho pra ficar no museu. Pra ficar registrado isso, porque vai se perder, né. Eu digo, quando pegava o pai, meus tios, eu ficava com o caderninho anotando. Eu digo, eles vão morrer e eu vou perder um fascículo de uma enciclopédia. **Porque essas histórias não tem retorno.** [...] Anotei muita coisa.  
(HAESBAERT, 2011, grifo nosso).*

O museu é mantido pelo Sr. Eron, com a ajuda de uma sobrinha sua. O ingresso custa R\$ 10,00 e é todo usado na manutenção desse complexo. Eles atendem de segunda a domingo, preferencialmente no período da tarde, para não haver congestionamento de ônibus ou muita gente nos espaços, pois o museu é ainda habitado. E o acervo, querendo ou não, delicado. E, receber um ônibus cheio de estudantes necessita preparação vocal e psicológica, além de, convenhamos, muita paciência.

Um lugar cheio de história. Um narrador sublime. Como não atestar que Eron Haesbaert seja um guardião de memórias? Ele mesmo se auto-define:

*[O senhor é historiador?]. Não, sou curioso. Um contador de histórias.  
(HAESBAERT, 2011).*

Muito mais que guardião, o Sr. Eron é, sem dúvida, um divulgador das memórias de sua família, seja expondo-as ou apenas transmitindo-as oralmente.

### 3.3 Museu Casa Zinani<sup>35</sup>

A história do Museu Casa Zinani<sup>36</sup> não se difere muito dos outros três. É espaço de preservação e contação das memórias da família Zinani. Encravada numa pequena encosta, na Terceira Léguas, interior do distrito de Galópolis, pertencente a Caxias do Sul, a casa abriga um acervo grande de objetos. E, é ela própria também uma herança.

Após o falecimento da mãe, a Sra. Ivete Zinani e seu irmão, Ademir, ficaram responsáveis pela casa. A casa ficou junto com os móveis. Ferramentas e roupas foram com os filhos para Galópolis. Só que se tornou mais um empecilho do que uma coisa boa. Dona Ivete trabalhava todo o dia em Galópolis e depois vinha a Terceira Léguas e limpava a casa, que estava fechada. E, fez esse trabalho por muito tempo, pois a estrada que passa ao lado da casa era de chão batido, propiciando acúmulo de pó. Até que um dia

*[...] uma pessoa, aqui é a Estrada do Imigrante, por onde nasceu Caxias do Sul, deu a ideia de formar um roteiro. Dessas coisas que nós temos, diversas casas de pedra, madeira. Gruta. [...]. Daí a gente pensou, vamos enfrentar, né. Porque eu não queria desmanchar a casa. E tinha todas as coisas que tá na casa, lá na minha casa em Galópolis. Então, eu concordei. [...] Mas e a restauração? Aí tu não tem prática de nada. Aí, o SEBRAE entrou com curso pra nós A gente fez diversos cursos [...] e ensinaram nós a trabalhar. E, daí, a gente foi, foi [...]. Inaugurei a casa em 2002. Dia 05 de março de 2002. Inaugurei ela com doze italianos  
D. Ivete Zinani, entrevista concedida em 08/10/2011.*

Os Zinani vieram em 1898, de Fanano, na província de Modena, Itália. O bisavô com a esposa e os quatro filhos. O avô de Dona Ivete era o mais novo desses quatro filhos. E, ele, por sua vez, teve oito filhos, sendo um deles o pai de Dona Ivete. De lá, o bisavô saiu com a profissão de ferreiro e mecânico, tendo exercido só a ferraria aqui no Rio Grande do Sul. Quando chegaram a Caxias do Sul ganharam um pedaço de terra, onde construíram uma casa de uma água só. Metade era serraria e a outra, casa. Em 1915, acharam água em outro terreno, se mudam e constroem a casa que hoje abriga o museu. Trabalham ainda com parreirais e as mulheres, na lida de casa, cozinhando.

<sup>35</sup> O museu é administrado pelos irmãos Ademir e Ivete. Nossos contatos foram feitos apenas com a Sra. Ivete. O que não nos deixa decepcionados, por acreditarmos que os discursos seriam parecidos.

<sup>36</sup> Apêndices K, L, M e N.

O fato da casa e de todo acervo familiar estar preservado vem mesmo pelo anseio de preservar a memória da família. Sendo que esse pensamento não começou com a Dona Ivete e sim com

*[...] meu pai, até inclusive, minha mãe, antes de falecer, me disse: Ivete, cuida bem de tudo que nós temos. [...] meu biso já guardou coisas que veio da Itália. Aí, meu avô já era uma relíquia que ninguém podia mexer naquilo lá. O meu pai, não podia nem olhar, porque quebrava, né. Porque tinha que guardar. Mas, sempre partiu deles. Eu também guardei. Tudo guardadinho aqui pra ver.*

*D. Ivete Zinani, entrevista concedida em 08/10/2011.*

Na inauguração do museu<sup>37</sup>, todo o acervo que estava com Dona Ivete volta para seu local de origem. Estão lá expostos: as fotografias dos parentes mais antigos, seus passaportes e suas certidões, nos acompanham pela sala principal; nas paredes, os velhos rádios; nos cômodos superiores, as camas, os armários e os baús dos avôs; em prateleiras com vidro estão os cadernos de estudo e os boletins de Ivete, as moedas antigas, os vestidos de sua mãe, da avó e os crochês das nonas; no sótão, o material de trabalho dos avôs (ferramentas), garrafas de vinho, camas, louças e outros objetos. Um verdadeiro aglomerado de memórias, organizadas conforme o conhecimento dos seus guardiões.

O funcionamento da instituição também leva em conta a disponibilidade dos donos. Durante a semana, visitas somente com agendamento. Nos finais de semana, Dona Ivete ou o Sr. Ademir estão lá. Questionada sobre a presença do restante da família, Dona Ivete nos confidenciou que o retorno é pequeno, quase inexistente. Excetuando uma filha, e os dois irmãos, ninguém mais frequenta o museu. O maior público são excursões e público espontâneo que descobriu a Rota Estrada dos Imigrantes e faz a visita a todos os locais.

Tirando a falta de investimentos da Rota, divulgação inclusa, e a falta de conhecimento específico, o trabalho no museu orgulha muito Dona Ivete, pois:

---

<sup>37</sup> O museu possui três andares: primeiro piso, onde há uma sala de jantar, cozinha e venda de produtos. O segundo, onde ficam os quartos e por fim, o sótão.

*[...] o importante aqui, como eu te falei, é que a gente não trabalha pelo dinheiro. Se fosse pelo dinheiro, a gente tinha fechado a casa. É por amor, porque é a casa da minha família. Eu amo isso aqui. Eu me sinto bem aqui dentro. E não meço esforços, né, para limpeza, para isso, para aquilo. Se tem que gastar, a gente faz.*

*(ZINANI, 2011).*

E, como não acreditar nesse sentimento. Dona Ivete e seu irmão Ademir são mais dois guardiões das memórias familiares. Eles já abriram seus baús e compartilharam as lembranças de sua família com visitantes de vários locais. Quiçá um dia eles alcancem o coração de seus próprios parentes que não visitam a casa. Há pessoas de sua família que Dona Ivete adoraria conhecer e poder mostrar de onde todos vieram. Quem sabe até apontar para onde todos irão.

Esperemos que essa atividade de abrir baús, colocar pra fora a cara e a coragem das famílias, e mostrá-las a todos, se perpetue pela infinidade. Enquanto houver guardiões temos certeza que esses laços e essa transmissão não se perderão. A presença dos guardiões de memórias ajuda aos acadêmicos da memória (bibliotecários, arquivistas, historiadores, antropólogos, museólogos, etc.) a compreenderem melhor essa engrenagem das heranças e das descendências. E, os ajuda a perceber e criar novos meios de transmissão, não centrados apenas em instituições culturais, mas sim em outros circuitos sociais, como a família.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só se dá valor a alguma coisa quando a perdemos. Assim diz o ditado popular. Assim age a maioria das pessoas. Quando estamos com o objeto ou a pessoa amada perto de nós ou em nossas mãos, temos a capacidade de fazê-los desaparecer ou os deixamos irem. Sem volta. Objetos vão para o lixo, pessoas vão embora. Para sempre. Com eles se vão nossos momentos, nossas lembranças. São eles que despertam sentimentos, emoções. Quanto mais próximos, mais fortes serão essas sensações. Se as sensações em nós causadas forem desagradáveis, com certeza, faremos de tudo para esquecê-las. Se tivermos bons momentos, a lembrança será nossa companheira. E, todos os meios de mantê-las serão buscados.

Felizmente, vimos que um dos meios para buscar as lembranças que tivemos em algum momento passado é fazê-lo através de museus ou memoriais. Aqui, trabalhamos com os memoriais familiares, como exemplos, dessa busca pelas memórias. Nesses espaços, encontramos espalhados pelas paredes e distribuídos pelos cômodos, objetos e práticas que de alguma maneira rememoram as sagas das famílias. É ali que as sensações, os bons momentos, ou as tragédias, vão se lembradas e recontadas. Lembradas para que não sejam esquecidas pelas gerações vindouras, e recontadas, para que certas práticas não voltem a se repetir. O que foi errado ficou errado. Não há como mudar o passado, mas o presente pode ser rascunhado. O que pode ser mudado, o aprendizado com esse erro é que está nas falas e nos espaços físicos de memória familiar.

Por mais que a simples exposição de objetos conte a história das famílias, a falta de alguém, responsável pelo espaço e pelas memórias, se faz muito necessária. São os guardiões os personagens principais nesses locais e nas famílias. É neles que estão os segredos, os mistérios e todo o poderio memorialístico referente à sua família.

Questionamos-nos sobre os reais motivos que levam as pessoas e as famílias a reunirem suas memórias e todo o processo que culmina com a exposição em um memorial. E, como os guardiões das memórias atuam nesses espaços. Com as visitas as três instituições museológicas de caráter familiar, pudemos notar que a motivação preservacionista partiu sempre do seio da família. Excetuando um caso, os guardiões eram sempre da família e guardavam as memórias familiares como fruto de uma tradição herdada de seus pais ou avós. Já era uma prática nata na família. A única diferença é que

os guardiões pesquisados foram buscar ajuda especializada para aprimorar suas atuações nos memoriais.

Antes de chegarmos à conclusão da existência de guardiões, fizemos um passeio pelo universo familiar, para descobrir suas nuances. Vimos que a ideia de pertencimento está intimamente ligada ao fator transmissão, influenciando as direções de decisões e de comunicação entre os entes de uma família. O caso de quem está fora, não conhece os símbolos e a engrenagem familiar. Não se sente pertencente ao grupo e o grupo não se identifica com ele.

Se a engrenagem familiar funciona como uma rede, contínua, os guardiões têm sua carga de responsabilidade nisso. Sofrem eles com o poder. Têm em suas mãos o bom e o ruim de suas famílias e devem ser cuidadosos com esses dois lados, pois a família é sempre um lugar de tensão. Sempre haverá os descontentes, que não apoiarão a causa do guardião, e farão de tudo para que as memórias familiares fiquem, eternamente, trancadas em baús. Entretanto, o guardião ainda tem o poder de persuasão e de encontrar meios para transmitir o bom e o ruim da família. Pode ser contanto uma história a um neto, pedindo a um filho que guarde certo objeto, ou mesmo, transformando sua casa num memorial. Ser guardião é, quase, padecer, no paraíso familiar.

O que encontramos em nossas visitas não pode ser olhado com vistas acadêmicas. Vimos museus com excesso ou mesmo ausência de objetos, com problemas expográficos, com falta de divulgação. Sem falar nos programas educativos ausentes. Entretanto, nosso olhar é preconceituoso. Mais do que problemas, ouvimos lindas histórias de superação e devoção às memórias das famílias. Encontramos guardiões esforçados em pesquisar, preservar e divulgar as reminiscências familiares. E, é desses heróis da memória que devemos nos espelhar para construirmos ambientes museológicos melhores, que contemplem histórias de instituições ou mesmo, histórias de vida, histórias das gentes.

Mais do que um olhar crítico sobre a situação dos memoriais familiares, gostaríamos, com esse trabalho, de passar todo o aprendizado e o prazer que foi ter visitados esses locais. E, além disso, demonstrar a nossa ânsia de nos transformarmos, também, em guardiões dessas instituições, zelando pelas memórias, de quem quer que seja. Afinal, a transmissão, parcial ainda, dessa missão já foi estabelecida com o nosso reconhecimento desses memoriais familiares situados nos longínquos cantos do Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n° 3, 1989, p. 29-42.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BURIOL, Anadete. **Casa João Luiz Pozzobon**. São João do Polesinê: 01 out. 2011. Entrevista concedida a Letíssia Crestani.

CICERCHIA, Ricardo; BESTARD, Joan. Todavía una historia de la familia: Encrucijadas e itinerarios em los estudios sobre las formas familiares. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Colômbia, vol.4, n° 1, p. 1-16, fev. 2006.

Disponível em:  
<<http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/Vol4/RicardoCicerchia.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2011.

JANEIRA, Isabel Maria. As minhas coleções. **Revista Episteme**, Porto Alegre, n° 20, suplemento especial, jan./jun., 2005, p. 175-180.

KELLERHALS, Jean; FERREIRA, Cristina; PERRENOUD, David. Linguagens de parentesco: lógicas de construção identitária. **Análise Social**, Portugal, v. 163, 2002, p. 545-567.

Disponível: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/?no=101000100025>>. Acesso em: 03 set. 2011.

HAESBAERT, Eron. **Museu Fragmentos do Tempo**. Mata: 02 out. 2011. Entrevista concedida a Letíssia Crestani.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

NOBRE, Adolfo. Cerzindo a rede da memória: estudo sobre a construção de identidades no Bairro Maré. **Cadernos de Sociomuseologia**, Portugal, v. 33, n° 33, 2009.

PEREIRO, Xerardo. **Antropologia do Parentesco**. Disciplina de Apontamentos de Antropologia Cultural, 2006-2007, Portugal: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), 2006-2007, p.3.

Disponível em:  
<[http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/docencias/manual\\_de\\_antropologia\\_cultural\\_2006\\_2007/TEMA8\\_ANTROPOLOGIA\\_CULTURAL\\_2006\\_2007.doc](http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/docencias/manual_de_antropologia_cultural_2006_2007/TEMA8_ANTROPOLOGIA_CULTURAL_2006_2007.doc)>. Acesso em: 20 ago. 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n° 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

POMIAN, Crzyztof. Coleção. **Enciclopedia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 53.

REINHARDT, Juliana. A memória através do pão. **História Unisinos**, São Leopoldo: Unisinos, número especial, jul./dez, 2002, p. 101-118.

TANNO, Janete. Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda dos registros de si. **Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP/FCLASs/CEDAP, v.3, nº 1, 2007.

TERUYA, Marisa T. **A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas**. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambu, 2000.

Disponível

<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

WOORTMANN, Ellen. A árvore da memória. **Série Antropológica**, Brasília, nº 159, p.1-13, 1994.

Disponível em:<<http://dan.unb.br/multisites/dan/media/docs/Serie159empdf.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2011.

ZINANI, Ivete. **Museu Casa Zinani**. Caxias do Sul: 08 out. 2011. Entrevista concedida a Letíssia Crestani.

**APÊNDICE A- MODELO DE ENTREVISTA**

Entrevista nº: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Entrevistador (a): \_\_\_\_\_

Nome do entrevistado (a): \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Contatos: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Filiação – Pai: \_\_\_\_\_

- Mãe: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Nome do cônjuge: \_\_\_\_\_

Nome dos pais: \_\_\_\_\_

Nome dos avôs: \_\_\_\_\_

- 1) O que levou a família a construir um memorial?
- 2) Qual a intenção de criar o memorial?
- 3) Quem foi o responsável pela criação do memorial?
- 4) As peças que compõem o museu, como foram parar ali?
- 5) O que é família para você? Que você entende por memória? E, por patrimônio?
- 6) Atualmente, qual a relação da família com o memorial? Há visita ou frequência?
- 7) Há algum tipo de contato entre o museu e os órgãos de apoio as instituições museológicas?

## APÊNDICE B- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, NOME E DEMAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

\_\_\_\_\_, brasileiro (a), portador (a) da cédula de identidade – RG nº \_\_\_\_\_, CPF nº \_\_\_\_\_ residente e domiciliado(a) na \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, Estado de \_\_\_\_\_, CEP: \_\_\_\_\_, doravante denominado (a) **CEDENTE**, **AUTORIZA** a plena gravação, utilização e veiculação de sua imagem, voz, nome e demais características físicas pela **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, UFRGS**, com sua sede na Rua Ramiro Barcelos, 2705, Campus Saúde, Bairro Santana, Porto Alegre/RS, CEP: 90035-007, (51) 3308-5183, neste ato representada por **LETÍSSIA CRESTANI**, brasileira, CPF nº 004.881.330-33, RG nº 1055772824, residente e domiciliada na Av. Protásio Alves, 1453/31, Bairro Petrópolis, Porto Alegre/RS, aluna do Curso de Graduação em Museologia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências da Informação, no Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia, intitulado “Abrindo o baú: museus familiares e a guarda de reminiscências”, requisito final para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A **UFRGS**, mediante sua representante, **LETÍSSIA CRESTANI**, poderá utilizar e veicular a gravação de imagem, voz, nome e demais características físicas do **CEDENTE** de forma gratuita e definitiva, por prazo indeterminado e sem limitação de vezes, em todo o território nacional e no exterior, em quaisquer idiomas, com ou sem intuito comercial, pelas emissoras de rádio e televisão (aberta e fechada), que transmitam ou retransmitam a sua programação, também a livre utilização por meio de satélites ou cabos, cinemas, internet, emissões, recepções, transmissões, retransmissões ou repetições em emissoras radiodifusoras, revistas, prospectos, periódicos em geral, *outdoors*, *banners*, cartazes, além de outras mídias que existam na data de assinatura deste instrumento ou que venham a ser inventadas.

A **UFRGS** ou quem esta vier indicar poderá utilizar, fruir e dispor de sua imagem, voz, nome e demais características físicas como melhor lhe aprouver, inclusive sob as modalidades de produção, reprodução parcial ou integral; fixação, edição; adaptação, quaisquer outras transformações; inclusão em fonograma ou produção audiovisual; distribuição por qualquer modo, podendo ser produzida, reproduzida, gravada ou fixada em quaisquer suportes tangíveis ou intangíveis, tais como Compact Disc (CD), CD-Rom, DVD, Fita Betacam, *audiobook*, MP3, MP4, Blu-Ray e por quaisquer outras modalidades existentes ou que venham a ser inventadas. Podendo ainda realizar qualquer tipo de contratação, concessão, cessão ou autorização sobre o presente termo. Essa autorização é feita de forma irrevogável e irretratável, obrigando as partes, seus herdeiros e sucessores, a respeitarem integralmente as condições aqui estipuladas.

Fica eleito o Foro Central da Comarca de Porto Alegre/RS para dirimir eventuais questões deste Termo de Autorização.

Porto Alegre/RS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_  
Nome legível do responsável

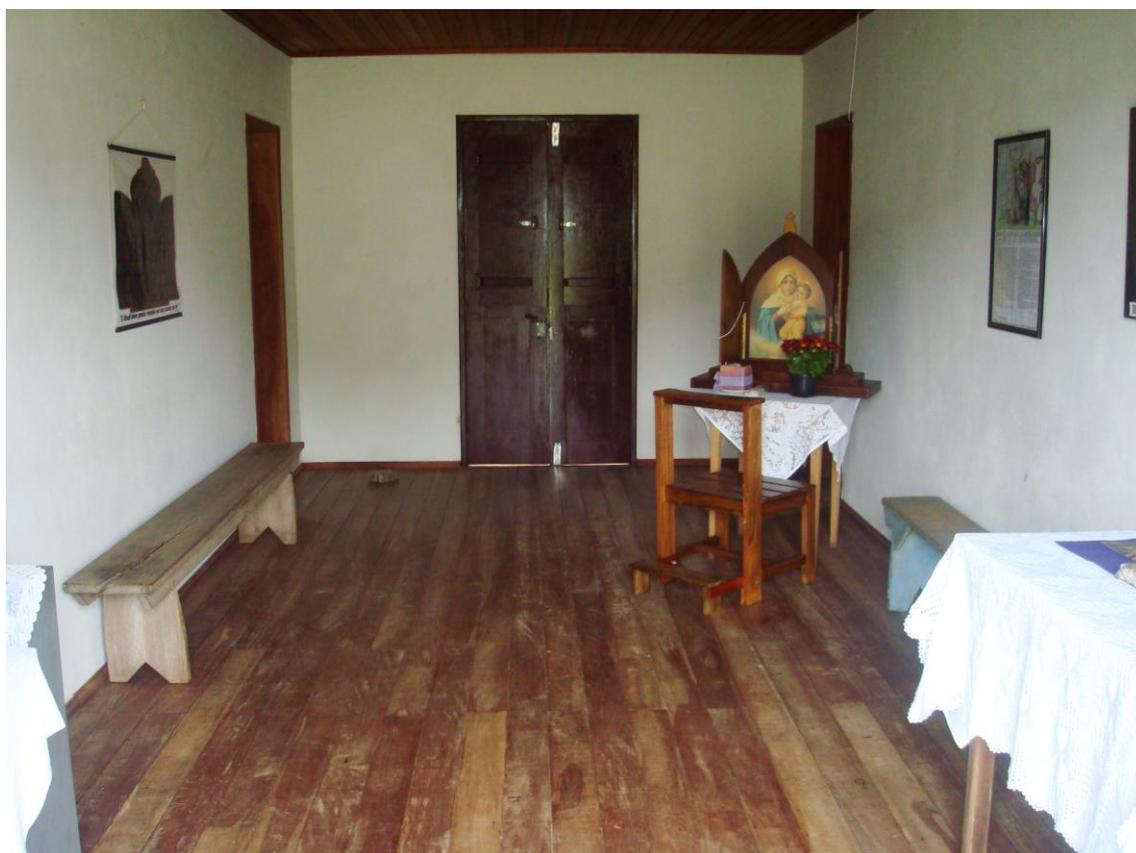
### Testemunhas

1) \_\_\_\_\_ 2) \_\_\_\_\_  
Nome: \_\_\_\_\_ Nome: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_  
CPF: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C- Casa João Luiz Pozzobon



Fonte: Letíssia Crestani.

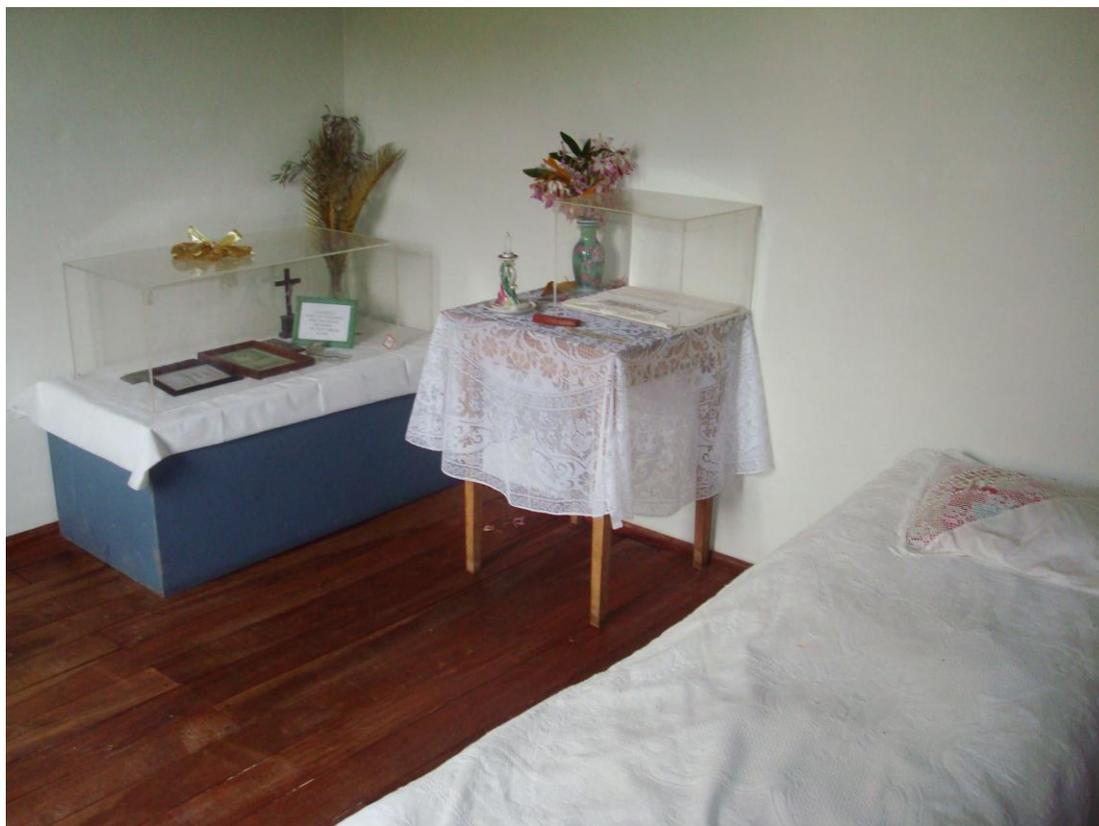
**APÊNDICE D- Hall de entrada da Casa João Luiz Pozzobon**

Fonte: Letíssia Crestani.

**APÊNDICE E- Fotografia de João Luiz Pozzobon**

Fonte: Letíssia Crestani.

## APÊNDICE F- Quarto de João Luiz Pozzobon



Fonte: Letíssia Crestani.

## APÊNDICE G- Museu Fragmentos do Tempo



Fonte: Site do Museu Fragmentos do Tempo (<http://pessoal.netwizard.com.br/museu>).

**APÊNDICE H- Eron Haesbaert e o vaso Mary Alice Gregory**

Fonte: Letíssia Crestani.

**APÊNDICE I- Uma das salas do Museu Fragmentos do Tempo**

Fonte: Letíssia Crestani.

## APÊNDICE J- Interior da atafona do Museu Fragmentos do Tempo



Fonte: Letíssia Crestani.

## APÊNDICE K- Museu Casa Zinani



Fonte: Letíssia Crestani.

## APÊNDICE L- Ivete Zinani e a máquina de costura



Fonte: Letíssia Crestani.

**APÊNDICE M- Acervo exposto no segundo andar do Museu Casa Zinani**

Fonte: Letíssia Crestani.

**APÊNDICE N- Acervo exposto no sótão do Museu Casa Zinani**

Fonte: Letíssia Crestani.